



HERÓIS TROPICAIS

O início

E.A.Braga

www.heroistropicais.com.br

Revisão: Viviane Marques.

contatos: vyvyrj@yahoo.com.br

Capa: E.A.Braga

Contatos:

<https://www.facebook.com/eabraga.escritor>

<https://plus.google.com/103411116284767528462>

www.eabraga.com.br

www.heroistropicais.com.br

Esta obra é de livre distribuição, MAS É PROIBIDO ALTERAR SEU CONTEÚDO pois esse é registrado, bem como é proibida sua comercialização.

Ao baixar esta publicação você concorda com os termos acima.

Ao aceitar, DIVIRTA-SE.

Esta é uma obra de ficção baseada na livre criação artística e sem compromisso com a realidade.

Ferramentas Utilizadas:

01. LibreOffice;

02. Gimp;

03. Sigil;

04. Imaginação.

2016 - Brasil - versão 1.01

Dedico este livro aos meus ancestrais, aqueles que me escolheram e me acompanham, seja dia ou noite, inverno ou verão, na pobreza ou na bonança, na saúde ou na doença. Eu lhes saúdo, meus ancestrais, pois, sem vocês, hoje eu não estaria aqui. Eu os agradeço por terem me escolhido, meus amigos, pois, sem vocês, eu jamais chegaria aonde quer que fosse. Eu os saúdo e peço suas bênçãos, para que eu sempre os honre e não desaponte a esperança que depositaram em mim.

Às mulheres importantes da minha vida, em ordem alfabética: Bruna (afilhada e sobrinha), Lucília (avó, *in memoriam*), Jacqueline (esposa), Jenifer (mãe), Joyce (irmã) e Rosa (prima). Sem a ajuda de vocês eu não seria quem sou hoje, obrigado a todas pela paciência, persistência e por acreditarem.

Índice

[01 – O grande exército](#)

[02 – O homem que sabia voar](#)

[03 – Mundo escuro](#)

[04 – Comandante](#)

[05 – Mulher e criança](#)

[06 – O artefato](#)

[07 – Antepassados](#)

[08 – Governador-geral](#)

[09 – O rapto](#)

[10 – Os sócios](#)

[11 – Fraternos](#)

[12 – O grande exército avança](#)

[13 – Um encontro inesperado](#)

[14 – Má notícia](#)

[15 – Selo Real](#)

[16 – Um achado inesperado](#)

[17 – A fenda](#)

[18 – Capitão](#)

[19 – Um plano](#)

[20 – O chamado](#)

[21 – A visita](#)

[22 – Despertar](#)

[23 – A segunda batalha](#)

01 – O grande exército

Araçá dirigiu-se ao rio. Era uma manhã de céu azul claro com pouquíssimas nuvens. Uma brisa suave e refrescante movimentava as folhas da mata. A trilha estreita era cercada de flores que exalavam perfume, ao balanço. Araçá caminhava, cantarolando. O rio ficava bem próximo à aldeia e logo a índia alcançou a margem. Dirigiu-se a um pequeno lago natural, formado meio a pedras. O banho diário é um hábito muito cultivado pelos índios, o que os diferenciava dos europeus à época. A índia de longos cabelos mergulhou e por um tempo ficou submersa. A água fria fazia a pele arripiar. Ao emergir, escutou gritos. Como que tomada pela energia de um raio, Araçá deixou a água, pegou seus pertences e correu em direção à tribo. Ao cruzar com uma árvore caída, arrancou um galho e seguiu em direção aos sons. Pouco antes de chegar ao povoado, deparou-se com um guerreiro que empunhava uma grande lança. O homem, quando viu a belíssima mulher, de cabelos tão negros como a noite, nua, entreabriu um largo sorriso, do qual não pôde desfrutar por muito tempo. Atingido nas pernas pela arma que a mulher trazia, foi ao chão. Araçá pegou a lança e voltou a correr em direção à aldeia.

A índia encontrou o lugar em grande confusão. A luta era ferrenha entre soldados e os poucos índios que ainda pertenciam à tribo em fase de extinção. Homens, mulheres, velhos e crianças, mesmo em menor número, lutavam pela sobrevivência. Araçá atacou um soldado que travava uma árdua batalha com uma velha que protegia duas crianças. Cravou-lhe a arma na altura da cintura e a idosa terminou o serviço. Foi então ao auxílio de um jovem índio, que lutava contra dois soldados e, aproximando-se com grande velocidade, furou a coxa de um deles. A velha que salvara havia se tornado parceira na batalha e, após esconder as crianças na mata, matou o guerreiro ferido com uma pedra. Apanhando um arco e uma aljava no chão, Araçá prosseguiu. Ao longe, atingiu mais dois inimigos no peito e um terceiro na cabeça. Os soldados surgiam como formigas. Para cada morto, dois vivos apareciam. Foi quando surgiu uma guerreira. A inimiga tinha o corpo coberto de dourado e uma pena vermelha na cabeça, enfeitando uma espécie de coroa, brilhante como o resto do corpo. Araçá a encarou e investiu em uma corrida para a luta corpo-a-corpo, porém a guerreira foi mais rápida e, tirando uma pequena zarabatana da lateral da armadura, atingiu o braço de Araçá com um minúsculo projétil. A índia foi ao chão antes de alcançar a oponente.

Foram muitos sons e imagens incompreensíveis. O mundo girava. Araçá mal conseguia abrir os olhos, pois a menor quantidade de luz a fazia ter náuseas. Com a cabeça ainda muito pesada, tentou tatear ao redor e encontrou alguns objetos que não reconheceu de imediato. Escutou uma voz e encolheu-se. O mundo voltou a ficar escuro.

Uma forte dor de cabeça despertou Araçá. Escutou, mais uma vez, vozes que não conhecia. Uma grande mão ergueu sua cabeça e obrigou-lhe a beber um líquido de odor e gosto fortes. Não demorou muito até sentir um grande alívio e uma vontade irresistível de dormir que, novamente, a dominou. Não soube por quanto tempo ficara desacordada, mas a água fria a despertou. Com as mãos amarradas às costas, teve muita dificuldade até conseguir sentar-se. À sua frente estava a inimiga que a derrubara, forte e esguia como uma cobra. Os músculos definidos demonstravam que era realmente uma mulher da guerra, daquelas que a jovem só tinha conhecido em histórias contadas pelos mais velhos. A fera encarava a índia, que não se intimidava e retribuía o olhar. Araçá sentia as forças voltarem e o sangue correr veloz pelas veias do corpo, à medida que o efeito do veneno passava. Forçava as cordas que prendiam os punhos, sem tirar os olhos da inimiga, até um homem entrar no recinto.

- Então, nossa hóspede acordou?

Araçá continuou em silêncio e encarou o desconhecido.

- Espero que você nos ajude, como sua amiga nos ajudou – continuou o homem, apontando para um canto da oca que a prisioneira ainda não tinha visto.

No lugar havia um corpo pendurado. Araçá reconheceu a índia idosa que a ajudara na batalha. Seu sangue ferveu. Era como se todo o calor do astro rei invadisse seu interior. Tentou libertar-se das cordas com todas as forças que possuía, até a pele não aguentar e sangrar. O sangue lubrificou a corda e então conseguiu soltar-se. Rápida como um raio, buscou o único objeto próximo, um vaso com água. A inimiga tentou sacar a zarabatana, mas a prisioneira foi muito mais rápida daquela vez e, com um lançamento certeiro, desarmou a guerreira. Naquele momento, eram duas mulheres desarmadas. Araçá não esperou e atacou e, usando o mastro central da oca como apoio, atingiu a inimiga no flanco esquerdo, com um violento chute. O impacto derrubou a oponente que, em um eficiente rolamento, amorteceu a queda e pôs-se de pé com grande agilidade. A guerreira aproveitou-se do contato com o solo para pegar um pouco de terra seca, que usou para jogar nos olhos de Araçá. O ato inesperado surpreendeu a índia, e a guerreira soube utilizar a vantagem para atingir a rival com um chute na lateral do corpo e um soco no rosto. O sangue jorrou de seu supercílio e encheu seus olhos, o que fez com que conseguisse ver apenas o vulto da inimiga. Distanciando-se para ganhar tempo de se recuperar, chutou algo que estava no chão, mas a guerreira queria aproveitar a vantagem que tinha e continuou o ataque. Um novo chute derrubou Araçá que, ao cair, conseguiu apanhar o objeto em que esbarrara. Ainda em vantagem, a inimiga aproximou-se da oponente caída para mais golpes, contudo Araçá previu sua intenção e utilizou o objeto como escudo. O choque foi tão violento que a guerreira quebrou o braço e gritou. Ainda sem enxergar muito bem, a índia levantou-se e desferiu um poderoso golpe na cabeça da inimiga. Tendo como referência a luz vinda da entrada da oca, deixou a habitação.

Araçá correu pela mata, desesperada e olhando constantemente para trás. As árvores passavam muito rápido, tamanha era a sua velocidade. Os galhos baixos e as plantas espinhentas machucavam seu corpo. O caminho era reto e denso, não sendo possível ver muito além. Com a respiração ofegante, tentava manter o ritmo, mas o chão irregular era um grande inimigo. Não sentia as lesões nas peles dos pés. No caminho, sem que percebesse, a densidade da mata começava a abrandar. Abruptamente tentou parar e seus pés deslizaram na terra úmida pela névoa da manhã. O deslocamento do corpo cessou a centímetros da beirada do abismo. Olhou para trás, arfando, pelo esforço empregado na corrida. Virando rapidamente a cabeça, a índia vislumbrou a grande queda diante de si. Havia um imenso lago no fundo do precipício e uma cachoeira monumental à direita. Olhou novamente para trás e escutou os barulhos, percebendo que os perseguidores se aproximavam. Sem mais pensar, ela pulou. Por instantes, sentiu-se um pássaro livre. Com grande velocidade, a distância foi vencida e ela penetrou na água fria. O corpo reclamou, era como se fosse atingida por centenas de espinhos. O lago era fundo, muito fundo e a índia demorou até retornar à superfície. A correnteza era forte e levou Araçá. As pedras passavam rapidamente por ela, quando percebeu que os inimigos também pularam na grande piscina natural. A força da água a carregava, enquanto ela submergia algumas vezes.

Seu corpo desmaiado ficou preso a alguns galhos na margem do caudaloso rio, ainda próximo ao grande lago da cachoeira. Um jovem índio aproximou-se e a examinou. Vendo a índia ainda com vida, levou-a do local. Acendeu uma fogueira, enquanto a noite caía. O índio observava a mulher ainda sem sentido. Parou e olhou ao redor, desconfiando da proximidade de alguém. Pegou o arco e aguardou, próximo ao corpo inconsciente de Araçá, e não precisou esperar muito até que três homens apareceram. O trio estava completamente pintado e munido de arco, lanças e porretes. O jovem índio tentou se defender, mas os guerreiros foram mais rápidos e deixaram-no sem vida no chão. Um deles colocou a índia nos ombros e sumiram na floresta densa.

02 – O homem que sabia voar

Itá acordou de repente com um mau pressentimento. Ainda era noite. O coração estava acelerado e a respiração ofegante, parecia que tinha corrido por quilômetros. Sonhara com Araçá na beira de um abismo, sob uma imensa tempestade. O vento forte empurrava sua prometida em direção ao precipício, enquanto ela, em vão, tentava agarrar-se em plantas e raízes próximas. Naquele momento, Itá decidiu voltar para a tribo e averiguar o motivo da mensagem divina trazida pela mãe noite. Estava muito, muito longe de casa e sabia que só havia um meio de chegar lá. Perante a lua, ele se pôs e retirou algumas ervas de uma pequena bolsa que carregava a tiracolo. Mastigou-as. Cruzou a bolsa no corpo e começou a cantar e dançar ao redor da pequena fogueira que acendera. Rapidamente, o corpo de Pedra Branca, nome pelo qual Itá também era conhecido, começou a formigar, mas o índio continuou o ritual. Já não sentia as pernas nem os braços, além de somente enxergar algumas luzes piscantes fora de foco. Sentiu o corpo encolher e a pele esticar, tudo em volta crescia e os olhos funcionavam cada vez menos. Parecia que os ossos dobravam-se até quase desaparecerem, sentia o nariz e a boca se alongarem em conjunto com as orelhas. Depois de alguns instantes, o formigamento passou e podia vislumbrar o mundo de um modo que há muito não fazia. Estava cego dos olhos, via pelos ouvidos, uma imagem nítida que se projetava na mente do jovem pajé. Pela segunda ou terceira vez na vida se transformara em Andira, o morcego mensageiro. Quando era necessário cruzar a maior distância possível no menor tempo, somente os pajés iniciados no conhecimento de Andira podiam fazê-lo. Esse subterfúgio só era utilizado pelos índios quando não havia outra alternativa, devido aos efeitos colaterais e ao alto preço a ser pago pela transformação. O pequeno morcego negro abriu as asas ao máximo e, através de um grande impulso, ganhou altitude.

03 – Mundo escuro

Já havia passado do meio da noite, quando o português terminou de desenhar na terra dois círculos, um dentro do outro. Entre as duas formas geométricas escreveu duas palavras que não eram do conhecimento comum. O círculo externo era muito grande e dentro dele estava um homem branco, amarrado e amordaçado. O português vestia branco e usava uma pequena coroa com palavras gravadas como as que estavam no chão. O lusitano começou a proferir uma oração desconhecida em voz alta, de um modo frenético e ritmado. Mais distante, havia uma pequena fogueira, que mal iluminava a clareira na mata fechada. Depois de um tempo, o homem amarrado começou a tremer. Na borda da mata, escondido entre as árvores, um indivíduo negro como a noite também traçou na terra um pequeno círculo no qual adentrou. Não tardou até uma pequena nuvem negra se formar ao seu redor. No início, era pequena e translúcida, porém, conforme a oração era proferida repetidas vezes, se encorpava e crescia. Depois de muitos minutos, o português cessou a ladainha, abriu os olhos e encarou o ser disforme que estava na frente dele do lado externo do círculo maior.

- Senhor das sombras, boa noite!

A coisa não respondeu.

- Como o senhor já sabe, eu sempre pago o que devo e aqui está! – disse, entregando-lhe o homem amarrado e amordaçado.

- Sssiiimm... – respondeu o ser estranho.

O homem negro e de capuz vermelho, que estava escondido no limite da mata, esboçou um sorriso. Enquanto isso, o português degolou o prisioneiro e o sangue se espalhou pelo chão de terra batida. Quando o líquido atingiu o exterior do círculo maior, o ser sem forma começou a sorvê-lo. O português esperou até que saciasse sua fome.

- O sangue humano é melhor do que dos animais, não? – perguntou à coisa.

- Sssiiimm...

- E o que eu ganho por um agrado tão bom?

- Ooouuuurooo...

- Muito, muito ouro?

- Sssiiimm...

- O Senhor das Sombras sabe que, se trouxer o que quero, não lhe faltará sangue.

- Sssiiimm...

- Agora vá, Senhor das Sombras, é hora de trabalhar.

Do mesmo modo que surgiu, a nuvem escura se dissipou. O português desfez no chão os escritos e as formas geométricas com um líquido escuro. Não tardou até um enorme homem negro aparecer.

- Suma com o corpo, Shadá.

O homem de capuz desapareceu como a fumaça e, com ele, o círculo feito no chão.

04 – Comandante

A noite estava calma e as nuvens escondiam a lua. O vento fraco fazia com que a chuva fina caísse inclinada. No mar poucas ondas perturbavam o grande espelho salgado. Havia quatro navios ancorados próximos à praia e dezenas de barcos na areia. Centenas de homens ocupavam a orla e uma quantidade não menor de troncos de árvores eram preparadas para o embarque. Tochas cortavam a escuridão do interior da floresta à beira da água. O corre-corre era constante e ininterrupto, de homens que pareciam formigas desesperadas pelo açúcar. Os enormes troncos eram rolados até o mar, unidos por grossas cordas formando imensas jangadas. O material era levado por pequenos barcos até os navios, onde era içado e arrumado nos porões. A tranquila baía era o local ideal para o fácil transporte e embarque do pau-brasil. As bandeiras nos mastros tremulavam lentamente devido à pouca força do vento. Bandeiras que não eram portuguesas; eram listradas, com três cores diferentes. O serviço seguia bem até que uma explosão deixou um dos navios em chamas. Uma nova explosão aconteceu no mesmo navio e, quando os homens em terra se preparavam para ir ao socorro das embarcações atracadas, uma chuva de flechas os apanhou desprevenidos. Da mata, saíram aos gritos índios e soldados portugueses, para combater os franceses. Duas novas explosões e outro navio em chamas. Os dois restantes içavam âncoras e manobravam para contra-atacar. O primeiro navio francês atacado foi a pique e um navio lusitano foi atingido no revide. A praia estava iluminada e o barulho das armas de fogo, do metal contra metal das espadas, do vôo das flechas e dos gritos agonizantes representavam a batalha que estava sendo travada. Os portugueses e seus aliados estavam em maior número. A carnificina foi tamanha que deixou o mar vermelho. Dois navios franceses se salvaram e foram capturados. Navios portugueses ainda lutavam contra o fogo. O capitão lusitano contabilizou os mortos: trezentos franceses, cinquenta soldados portugueses e trinta e dois índios. Antes de partirem, os vencedores empilharam os cadáveres dos derrotados e atearam fogo. Uma grande cortina de fumaça cobriu os céus. O comandante olhava o espetáculo ao redor. Perguntou a um homem fardado que passava:

- Nossas embarcações?

- Duas avariadas, senhor.

- Qual a extensão do dano?

- Uma incendiada no convés superior e a outra com sérias avarias no casco, senhor.

- Quantos feridos?

- Dez homens e dezessete selvagens, senhor.

O comandante ficou um tempo em silêncio, avaliando a situação, até ordenar:

- Embarque os feridos na nau em que o fogo foi controlado. Desloque os carpinteiros para a que está com o casco avariado. Vasculhe os navios do inimigo e troque as bandeiras. Mate todos os sobreviventes inimigos, não fazemos prisioneiros. Monte a escala de vigias e guardas, os demais devem descansar. Partiremos amanhã, quando anoitecer.

- Imediatamente, senhor.

Quando o oficial comandante ficou só, retirou do bolso um pequeno diário e começou a anotar as informações recebidas do subalterno. A noite passou tranquila. O meio do dia chegou e, junto a ele, as ordens para iniciarem os preparativos para a partida, logo após o pôr-do-sol. Os aliados silvícolas preferiram voltar do mesmo modo que vieram, por terra. Com o astro rei já tocando o mar, o oficial comandante e um subalterno analisavam um mapa sobre uma grande pedra, que servia de mesa e apoio.

- A defesa foi realizada com êxito. Retornaremos a Salvador, onde prestaremos conta ao Governador-geral.

E, mostrando a parte nordeste do mapa, continuou:

- Seguiremos por esta região, no entorno de uma ilha afastada do litoral, faremos a volta e retornaremos para a sede do governo.

- Sim, comandante, será feito como o senhor ordena. Mas esta baía ficará desguarnecida, senhor?

- O comandante Soares ficará responsável pela região.

- Foi uma bela batalha, senhor.

- Sim, apesar do atraso. Conseguimos alcançá-los por pouco.

- Os silvícolas não gostam de andar em nossos barcos, senhor.

- É verdade, em compensação a chuva de flechas deixou na areia grande parte dos invasores. Bem... Apresses-se para que, antes que a lua apareça, já tenhamos deixado esta praia para trás.

- Sim, senhor.

Quando o subordinado se afastou, o comandante Manuel recolheu os papéis, alguns pertences pessoais e se dirigiu a uma das pequenas embarcações com destino ao navio principal.

05 – Mulher e criança

O rio descia rápido pelas pedras e formava um pequeno lago onde a água era represada e a velocidade, drasticamente diminuída. Os peixes se aglomeravam na pequena barragem, enquanto uma negra esguia tentava arpoá-los com a lança, até que conseguiu capturar um dos grandes. Saindo da água com a presa, dirigiu-se a uma frondosa árvore e arrumou a refeição próxima ao fogo aceso entre duas pedras estrategicamente localizadas. Com a faca que levava presa à perna, limpou o animal, retirando as escamas e vísceras, depositando-as em uma longa e bonita folha verde na beira do rio. Repôs a arma em uma tira na canela. Ajeitou o alimento, de modo a melhor aproveitar a quentura da chama, e logo o peixe começou a exalar o cheiro que fazia barrigas roncarem. De uma pequena cabaça que trazia a tiracolo, tirou o sal marinho e polvilhou o interior do alimento. Distraída com o preparo, não percebeu a chegada de dois homens. O mais baixo tirou da cintura uma corda de couro, preparou um grande laço e arremessou. A corda passou pela cabeça da mulher e o laço estreitou-se ao redor de seu peito. Sem tempo de reagir, a fêmea foi ao chão.

- Pegamos mais uma negra fujona! – disse um dos homens, enquanto arrastava a mulher, que se debatia.

- Hei! Ela é bonita! Teremos muita diversão antes de conseguirmos um excelente preço pela venda no mercado!

A negra lutava contra a corda, mas o objeto era muito forte e os esforços empregados pareciam inúteis.

- Olha, Macedo! Ela fez almoço para a gente! Quanta bondade! É de escrava assim que eu gosto! Mas, antes, vai servir aos seus senhores de outra forma.

O homem mais magro agarrou por trás a mulher, que se debatia, e começou a rasgar suas roupas. Nesse instante, caído do alto da grande árvore, um enorme fruto o atingiu na cabeça, levando-o ao chão, desacordado. Aproveitando-se do momento de confusão, a negra conseguiu alcançar a faca presa à perna e cortou, de um só golpe, a corda que a prendia. O outro homem e a vítima ficaram frente a frente. A mulher o encarava com ódio nos olhos, e postura de enfrentamento. Ele também a encarou e falou em alto e bom tom:

- Nesta mata, já enfrentei e passei por muita coisa. Índios, já perdi a conta de quantos matei. O que é então uma escrava fujona?

Enfurecido, sacou uma longa espada. Os olhos atentos da negra encontraram uma lança no chão. Com o pé, içou a arma e, como um raio, atirou-a contra o inimigo. Antes que ele pudesse iniciar qualquer movimento, foi transpassado. Com uma grande pedra, o comparsa desmaiado foi morto. Uma criança desceu da árvore e se juntou à guerreira. A mulher e e sua companhia dividiram o almoço, apagaram a fogueira e seguiram viagem.

06 – O artefato

O sol já estava se pondo quando os cavalos adentraram nas plantações de cana-de-açúcar, andando vagarosamente. O caminho era enlameado, devido à chuva constante, bom para a cana nova. O céu tinha uma mistura de tons e cores, do azul ao amarelo, era a paleta celeste do fim do dia. À frente deles, havia um longínquo sinal de fumaça, indicação da casa grande. Aos poucos, a luz foi se extinguindo e os visitantes passaram a caminhar no escuro até alcançarem o engenho da propriedade. A máquina e o trabalho ininterrupto, grupos de escravos faziam-na funcionar dia e noite no processo de transformação da matéria prima em açúcar. O Mestre de Açúcar era o responsável pelo processo e, junto aos feitores, completava os ocupantes do engenho. A grande máquina vinha de Portugal, era proibido fabricá-las na colônia. Com as enormes rodas e a tração do animal, ou do homem, produzia a riqueza no hemisfério sul do Mundo Novo. O rio que passava próximo estava repleto de toras das mais variadas madeiras, que vinham de longe para alimentar as fornalhas. As casas de pau-a-pique, que rodeavam a clareira, compunham o cenário que os cavaleiros encontraram ao chegar. Desceram das montarias, sujos e molhados. O primeiro era louro, alto, de olhos claros e com um cavanhaque; o segundo, negro, alto, muito forte e careca. Dirigiram-se à máquina, a fim de fazerem contato.

- Quem é? – perguntou o Mestre ao feitor.

- Não sei, mas vou verificar.

O feitor foi ao encontro dos desconhecidos com mais dois homens e outros três tomaram os postos para uma possível defesa da propriedade.

- Boa noite. – disse o feitor, em voz alta e ainda distante.

- Boa noite! – respondeu o homem branco, retirando o chapéu.

O feitor, ao ver o rosto, sorriu, reconhecendo-o.

- Senhor Francisco, não o reconheci!

- Como vai, Fernando?

- Tudo ótimo, senhor. E a viagem?

- Foi tranquila e no final consegui o que queria, minha peça.

- É, senhor, parece uma ótima peça. – respondeu Fernando, fazendo uma rápida análise do escravo.

Continuou:

- Moleque! – gritou o capataz para um menino um pouco afastado. O garoto veio correndo e, mal chegara próximo, já recebeu a ordem: Leve esta peça do Senhor Francisco para a senzala, junto das peças da casa. Rápido!

Shadá e Francisco entreolharam-se e o visitante interveio:

- Senhor Fernando, esta peça me é muito cara e não gostaria de vê-la junto ao demais, se é que o Senhor me entende.

- Ah, claro! Moleque, leve-o até o abrigo da casa do engenho.

Shadá fez uma rápida mesura para o dono e saiu guiado pelo menino. O capataz voltou ao assunto, quando os dois negros já estavam à distância.

- O senhor o espera, Francisco.

- Claro, vamos vê-lo.

Saíram em direção à casa grande, que ficava a meia hora a cavalo da casa do engenho. O caminho seguia por dentro de um imenso canavial. Até onde a vista alcançava, era somente plantação de cana. Ao longe pareciam enormes capinzais que cobriam todos os morros da região e quase nenhuma árvore restava desde que deixaram o engenho até a proximidade da casa. A construção principal era branca como uma pomba e tinha o telhado vermelho das telhas feitas nas coxas dos escravos. Foram recebidos por uma escrava jovem de cintura fina e quadris bem largos, cabeça raspada e um velho, mas bonito, vestido de algodão cru. O grande decote mostrava os volumosos seios de uma mulher que ainda amamentava. Ela os cumprimentou e correu para avisar ao senhor da chegada do visitante. Pedro Afonso logo apareceu na varanda para averiguar quem era o recém chegado. Os dois deixaram as montarias e se dirigiram para a base da escada, onde o Capitão os esperava.

- Boa noite, Capitão Pedro Afonso! – disse Francisco ao Senhor.

- Boa noite. – respondeu o Capitão, encarando o forasteiro.

Fernando interveio, desconfiado de que o patrão não tivesse reconhecido o visitante.

- Capitão, eis o senhor Francisco.

Pedro arregalou os olhos ao ouvir aquele nome. Desceu as escadas rapidamente e parou bem próximo ao recém chegado. Analisou-o, como quem avalia uma pedra preciosa e, por fim, pegando-o pelos ombros e disse:

- Francisco, achei que estivesse morto! Meu Deus! Nunca o reconheceria com esses longos cabelos!

- Foi por pouco, meu senhor. As tropas espanholas quase me apanharam, mas, por sorte, consegui escapar.

Pedro escutou, com um sorriso aberto no rosto, e prosseguiu:

- Vamos entrar. Deve estar cansado de toda essa andança. Haverá tempo para as histórias. Venha, você deve se assear e descansar antes da refeição. Ficarás no quarto de hóspedes e nossa criada cuidará de você. Venha.

Francisco e Pedro subiram as escadas, enquanto Fernando retornou aos afazeres. Após o jantar, ambos se recolheram no escritório do capitão. Era uma noite quente e as velas iluminavam o grande salão de janelões abertos com vista para as poucas árvores e jardins que rodeavam a casa principal.

- Agora, meu amigo, pode me contar suas aventuras.

Pedro serviu uma generosa dose de cachaça e, após a beberem de um só gole, os rostos foram tomados por uma vermelhidão. Francisco iniciou os

relatos:

- Como o senhor sabe, eu trabalhava em uma das missões. E, quando a ordem de deixá-las chegou, eu fui o único sacerdote que ficou.

- Acredito que não tenha sido por pena dos selvagens. - interrompeu Pedro.

- Gostava deles, mas não fiquei por pena.

- Sim, eu sei o que o ouro faz com os homens. - interrompeu o senhor novamente, com um grande sorriso no rosto.

- Não era muito.

- Imagino que de duas a três carroças.

- Sim, por volta disso. - confirmou Francisco. Era muito peso e minha guarda... quero dizer, meus aliados, não mais de dez. As tropas do exército espanhol se dividiram e um pequeno grupo nos alcançou. Não tivemos chances porque eles estavam em maior número e mais bem equipados. Lutamos bravamente, mas, quando só restavam três de nós, fui ferido e fugi, pois conheço o momento certo para deixar uma briga. Vaguei muitos dias pela mata com um ferimento que não estancava e, por fim, desmaiei às margens de um rio. Por sorte, fui encontrado por um bando de tupis que também fugiam. Eles me recolheram e cuidaram de meus ferimentos. Já havia passado mais de dois meses quando os deixei.

O capitão serviu uma dose de um licor cor de sangue. Francisco bebericou para molhar a garganta seca pela narrativa e continuou:

- Tomei o caminho do mar e quando cheguei ao litoral encontrei alguns navios franceses que embarcavam pau-brasil.

- Você quer dizer roubavam. - disse Pedro.

- Sim, roubavam. Mas eles me receberam bem e aceitaram a história que contei. Deram-me carona e me deixariam mais ao norte. Esperei quatro dias até que toda a madeira fosse embarcada e arrumada. Partimos no prazo estipulado.

Pedro Afonso acompanhava atentamente e serviu mais uma dose do doce licor. O visitante bebeu, antes de prosseguir:

- Estávamos próximos à capitania de São Vicente, quando as quatro embarcações francesas foram cercadas pelas naus da vaca espanhola!

- A capitã Sabrina, você quer dizer.

- Sim, a vaca ruiva! Naquele dia fazia muita neblina e não notamos sua aproximação. Ela nos encurralou na entrada da baía e não tivemos chance. Quando conseguimos revidar os tiros de canhões, dois navios franceses já estavam a pique. Após isso, a rendição. Fomos feitos prisioneiros. Eu a vi de perto, branca como uma caveira, cabelos e lábios vermelhos e os olhos verdes como esmeraldas. Daquele sorriso nunca vou me esquecer... Antes de nos dirigir palavra, matou dois franceses com um único golpe de seu sabre. Soube que eu era padre e português através dos marujos franceses torturados, o que foi a minha sorte. Separou-me dos demais e fui transferido para uma pequena embarcação, a de suprimentos. Era levado de barco em barco para transmitir a palavra de Deus a todos os que necessitavam, era muito difícil conseguir aproximar-me dela, porém a sorte sorriu de novo para mim. Fazia quatro dias que eu estava preso e a pirata espanhola encontrou dois navios portugueses repletos de açúcar. Estavam tão pesados que rapidamente foram alcançados. Não houve luta e, após a tomada do comando, dirigimo-nos para um porto seguro. A tripulação foi posta para trabalhar, principalmente os prisioneiros. Como disse anteriormente, por sorte, me esqueceram, fiquei na praia sem qualquer vigilância. Fugi e tomei a direção noroeste para sair da orla e segui, depois de algum tempo, para o norte.

Francisco fez uma nova pausa e o licor foi servido mais uma vez.

- Não sei por quanto tempo andei, mas encontrei um mascate com um servo. Eles me levaram a Salvador, onde comprei minha peça e soube que o senhor me procurava. Parti tão logo consegui provisões e montaria.

Pedro Afonso tinha um sorriso enigmático no rosto e demorou a falar:

- Acredito que o mascate e o acompanhante estejam mortos.

- Por que diz isso, senhor? - inquiriu Francisco, intrigado com a pergunta.

- Pode-se dizer que conheço a natureza humana, Francisco. Como um homem sem dinheiro e ajudado por um mascate conseguiria pagar por uma peça?

Francisco encolheu os ombros e ficou em silêncio. Pedro continuou:

- Não estou aqui para julgá-lo, mas sim para fazermos negócios. Agora, que consegui sua tão sonhada peça, é hora de trabalhar.

Ao dizer isso, Pedro levantou-se, abriu uma pequena gaveta em sua mesa, onde colocou uma caixa fechada na frente do convidado. Tamborilava a tampa com os dedos. Virou a para o visitante e aguardou. Francisco estava curioso, muito curioso, e demorou alguns segundos antes de esticar o braço para retirar a tampa. Nesse momento, Pedro levou a mão ao bolso da calça e tirou um objeto dourado que encostou na garganta do convidado. Francisco sentiu o toque frio do metal afiado e nem sequer engoliu a saliva.

- Eu acho uma honra poder fazer a barba com um objeto desse. - disse Pedro Afonso, diminuindo a pressão do objeto na garganta do ameaçado.

Lentamente, o capitão foi afastando até que os olhos de Francisco pudessem contemplar o objeto. O sol havia baixado na terra em plena noite. A pouca luz do ambiente refletia sobre a superfície dourada e clareava grande parte da sala. As pupilas de Francisco estreitaram-se para filtrar o excesso de luz. Era uma adaga de ouro finamente trabalhada com pedras preciosas no cabo. O mundo parecia sem cor diante da beleza da ferramenta. Com os olhos arregalados, Francisco hesitava em piscar, pois, se fosse um sonho, não queria acordar. Lentamente, elevou as mãos até pode tocá-lo. Trouxe-o diante dos olhos e ficou a enamorar-lo durante vários minutos, até que Pedro Afonso quebrou o silêncio:

- Acredita em contos de fadas?

Francisco, ainda hipnotizado, desviou o olhar do objeto, encarou Pedro e perguntou:

- Que ser maravilhoso foi capaz de construir esta ferramenta divina?

- Acredite, - continuou Pedro - nem no velho mundo, nem na África, nem no mundo dos amarelos.

-Aqui? - perguntou, incrédulo, o convidado.

- De onde veio este, Francisco, há montanhas de ouro! - respondeu o capitão, baixando progressivamente a voz até não passar de um sussurro.

Francisco continuou a arregalar os olhos até parecerem que iriam saltar das órbitas. Respirou fundo, antes de falar:

- O El Dorado...

- Quer o serviço?

- Claro!

Pedro retomou a peça, guardou-a na caixa e o mundo pareceu desbotado.

- Francisco, há pontos a serem acertados.

O visitante perguntou, impaciente:

- Quais são as condições?

- Bem... - fez algum suspense o capitão - Há autorizações que tenho que conseguir com o Governador-geral. Há as provisões, as montarias, a comitiva ...

- Sim, sim e a minha parte? - indagou, exasperado, o ouvinte.

- Vejamos... Um décimo do primeiro carregamento.

- Um décimo? Vou arriscar meu pescoço e só receber isso? O senhor está brincando!

- Francisco, - disse Pedro, com uma calma sobrenatural - eu acredito que você não tem ideia do que é um décimo de um navio completamente abarrotado de ouro.

O visitante ficou em silêncio e refletiu sobre a quantidade proposta. Afonso, aproveitando-se do momento em que o sócio pensava, continuou:

- Imagine a seguinte situação: você acha a cidade e só há o bastante para encher um navio, seus dez por cento estão salvos ...

- Mas, se a quantidade for suficiente para dez navios, eu só receberei um por cento! - interrompeu Francisco.

- Meu amigo, lembre-se dos custos. Você não desembolsará nada e terá a parte de um rei, analise.

- Uma cidade desta deve ter centenas ou milhares de guardas, muitos habitantes e escravos!

- Não se preocupe, - interrompeu Pedro - sua parte no acordo é para somente encontrá-la. A invasão e pilhagem é por minha conta.

- Basta encontrá-la? - inquiriu Francisco.

- Sim. - confirmou Pedro - Essa é a sua parte.

- Quando você voltar com a localização da cidade, poderá partir novamente, se quiser, com as tropas para fiscalizar o andamento dos serviços.

Um largo sorriso queria brotar no rosto do convidado, porém uma pergunta ainda pairava em sua cabeça:

- Meu amigo e senhor, como enviará tropas, se estamos sendo constantemente atacados pelos franceses e a Metrópole não nos envia reforços? Pelo que eu saiba, nossos homens já são insuficientes para nossa defesa litorânea, quanto mais para a mobilização de um exército!

- Você faz sua parte e eu a minha. Temos um acordo?

- Sim, senhor. Temos um acordo. Quando começamos?

- Em setembro estarei em Salvador. Encontre-me no dia vinte, no lugar de sempre, depois que o sol se pôr.

- Certo, trinta dias para me preparar. Quantos irão comigo e minha peça?

- Em setembro veremos os detalhes. Está tarde, vamos descansar.

- Não me espere para o café da manhã, senhor. Sairei muito cedo, há muito o que fazer em pouco tempo.

- Como quiser, sócio.

Francisco deixou o escritório e se dirigiu ao aposento de hóspedes, Shadá o esperava do lado de fora do quarto, à janela. Quando trancou a porta e teve certeza de que ninguém o espreitava, o sócio negro perguntou:

- E aí ?

- É, Shadá, a sorte grande, muito grande, nos sorriu.

- Isso é muito bom!

07 – Antepassados

Itá pousou nas terras de sua aldeia e retornou à forma humana. O lugar estava vazio e o cheiro de sangue era muito forte. No chão havia somente o fluído da vida. Flechas e lanças, porém nenhum corpo. Itá resistiu ao pânico, pois sabia da necessidade de manter-se centrado para tomar decisões racionais. Vasculhou todas as habitações e não encontrou viva alma. Saiu do local e rumou para a floresta. Caminhou durante algum tempo até chegar a uma grande pedra branca. A escuridão era total, inclusive no coração do pajé. Na base da grande pedra havia uma pequena gruta. Itá entrou, sentou-se e chorou. Não soluçava, porém rios corriam sobre as faces. Sua mente parecia coberta por uma enorme nuvem negra, daquelas que trazem tempestades incessantes, repletas de raios. Depois de algum tempo, já muito cansado, o índio adormeceu.

Itá viu-se de pé em um local rodeado pela neblina espessa com luz difusa e fraca. Vinha, em sua direção, uma sombra que aumentava de tamanho a cada passo, enquanto se aproximava. Não sentia medo, mas a brisa fria o arrepiava. Quando a sombra ficou do tamanho do seu tamanho, ele reconheceu que era um homem vindo em sua direção. Não tardou poder visualizar seu rosto. Era um índio de idade avançada. Eles se encararam por um momento e Itá fez uma reverência ao velho, que falou:

- Itá...

O índio ficou espantado ao ouvir seu nome de um desconhecido.

- Você não me conhece, filho, mas eu acompanho a sua trajetória desde o dia em que saiu de sua mãe. Eu sou Arara-Dourada, o pai do pai de seu pai.

Itá reconheceu o nome do índio. Ele havia sido um grande chefe que lutou ao lado do imperador da Cidade Amarela, em uma época muito longínqua e em um tempo onde as Grandes Cidades ainda buscavam a hegemonia sobre o território das terras do sul. O velho continuou:

- Você sabe o que o imperador deseja?

Itá balançou negativamente a cabeça, em resposta.

- Ele quer você!

O índio arregalou os olhos, sem compreender o que o antepassado queria dizer, e perguntou:

- Mas como? Eu nunca o conheci! Como ele sabe de mim?

- Filho, ele não precisa te conhecer. Há uma pessoa ligada a ele que sabe dos teus dons e conhece a profecia que diz: “um dia nascerá uma criança que terá mais de um dom. Essa criança mudará o mundo para sempre, uma mudança tão grande que não haverá volta.”. A batalha contra o homem branco está muito próxima e o imperador quer ter certeza de que os seus dons serão usados a favor dele.

- Grande Arara-Dourada, quem é essa pessoa que me conhece?

- Há alguns anos, na grande Cidade-Escola, você ajudou a um menino cujo pai era um grande funcionário do imperador. Esse menino, que hoje é um homem, assim como você, com a passagem de seu pai para o mundo dos mortos, assumiu o lugar vago e seu de direito.

Itá refletiu por um momento e lembrou-se das provas pelas quais os alunos eram obrigados a passar para trocarem os ciclos de aprendizado, dos amigos que fez e nunca mais viu, do conhecimento adquirido, do medalhão que encontrara, dos dons que tinham sido despertados e também da carnificina. Foi um período que Itá buscou apagar da memória e que agora, sem que quisesse, retornava à sua mente.

- Meu grande antepassado, por que eu? Outros já tiveram os dois dons...

- É verdade, Itá, outros já os tiveram, porém o período não era como o que agora se apresenta. Ou o imperador ou o homem branco será destruído, e a arma será você.

Itá aguardou em silêncio e Arara-Dourada prosseguiu:

- A existência dos nossos está em grande perigo. Nossa tribo corre o risco de deixar de existir para sempre. É necessário tomar uma importante decisão.

- O que devo fazer, meu ancestral?

Nesse momento, uma sombra aproximou-se deles e, quando chegou suficientemente perto, Itá viu que se tratava de outro índio senil.

- Pai! - exclamou Itá.

O pai de Itá o cumprimentou com um breve aceno de cabeça e deixou que o bisavô do filho continuasse:

- Itá, você deve decidir o que fará, mas devo lhe avisar que independente do caminho que escolher, enfrentará grandes dificuldades. Um caminho é buscar abrigo em alguma tribo muito, muito longe, bem ao norte, e continuar a transmitir nosso sangue aos filhos, aos filhos dos seus filhos e assim por diante. Outro caminho é seguir o exército até a Grande Cidade e tentar resgatar nosso povo. Volto a avisá-lo que o embate será inevitável e as perdas sempre serão grandes, independente do caminho a ser tomado.

Itá respondeu, imediatamente:

- Grande Arara-Dourada, eu escolho o segundo caminho.

O ancião fez um gesto de afirmação com a cabeça e prosseguiu:

- Sim, meu caro descendente, o caminho reto é uma opção que eu também escolheria. Como já disse, os riscos de ambos são muito grandes e grande também é a possibilidade de que você, Itá, não chegue ao fim de sua jornada como imagina. O que eu e seu pai podemos fazer por você é buscar ajuda no mundo espiritual com os nossos antepassados que queiram e possam lhe ajudar. Não sei se nós sozinhos teremos força suficiente para impedir ou contornar os designios de Tupã, mas tentaremos com todas as nossas forças e com a ajuda dos que aportaram em nossa terra. Há aliados importantes a serem conquistados e nisso, meu neto, não tenha dúvida que poderá fazer toda a diferença entre a vitória e a derrota, entre concluir a tarefa e apontar a direção. Essa noite você fará um ritual com que não está habituados. Caçará uma grande porca e a sacrificará na pedra que brilha no escuro, para a Senhora da Noite. Faça isso e um grande passo será dado rumo a um provável desfecho favorável e à criação de um mundo novo e único para todos que o ajudarão. Alguns aliados importantes surgirão e logo um deles fará contato contigo. Ele é negro como a noite e tem olhos de fogo. Agora vá, pois o tempo é também nosso inimigo.

Itá sentiu uma imensa vontade de abraçar o pai que há muito não via, mas controlou o impulso e somente sorriu para o espírito do patriarca. A neblina

se adensou e os entes queridos desapareceram. Ao acordar, Itá sentiu o frio da noite e deixou a gruta. Caminhou de volta até o centro da aldeia onde pegou algumas flechas e um arco e adentrou na mata, à procura da presa. Encontrou-a em uma das várias armadilhas espalhadas até o rio próximo. Amarrou-a e transportou-a até o local indicado pelo antepassado. Em um só golpe, o sangue molhou a pedra, a árvore e a terra úmida pelo sereno. Sentiu como se as energias do universo revitalizassem o corpo cansado. Ao término do ritual, voltou para a caverna e descansou o restante da noite. O que Itá nunca soube é que foi observado. Um homem negro como a noite, de gorro vermelho e olhos de fogo assentiu positivamente com a cabeça, quando o índio terminou a oferenda.

O sol já havia nascido, quando Itá despertou. Deixou o local de descanso e juntou os alimentos que podia para uma rápida refeição matinal. Ao fim, afastou-se até o rio e apanhou uma folha na pequena bolsa que carregava a tiracolo e colocou-a na boca, não demorando a se transformar em morcego e deixar para trás a aldeia, voando rumo ao destino desconhecido que o esperava.

08 – Governador-geral

Era uma linda manhã em Salvador. O céu azul e sem nuvens, a brisa fresca e o sol morno indicavam a proximidade da primavera no trópico sul. Na sede do Governo-geral, um homem entrou e se identificou ao soldado que fazia a guarda. Era Pedro Afonso e tinha hora marcada com o Governador. Foi anunciado e logo entrou na sala onde a maior autoridade da colônia despachava em nome do rei.

- Bom dia, Governador, como está o senhor?

- Bem, capitão Pedro Afonso. O que o traz com tanta urgência?

- Problemas e soluções, senhor Governador.

- Por acaso, problemas europeus?

- Não, desses sei que a marinha real se ocupa.

- Bem, o que mais pode ser?

- São problemas locais, senhor Governador.

- Já imagino. São os silvícolas?

- Sim, os próprios. O senhor já deve ter escutado alguns boatos.

- São mais que boatos, capitão. Tenho provas vivas. Mas o senhor falou também em solução? Deve saber que o exército e a marinha real estão empenhados na defesa do litoral contra os franceses e holandeses.

- Sim, também tenho tais informações e estou a par das medidas tomadas pelo senhor, por isso disse solução.

- Então me diga que cartas tem nas mangas, senhor capitão.

- A solução seria um ataque à cidade dos índios.

- O senhor me faz rir com suas brincadeiras, capitão. Sem soldados e sem saber onde fica essa lendária cidade? Só o senhor!

- Não, senhor Governador, não estou brincando e nem viria até aqui para desperdiçar nosso precioso tempo. Escute-me e entenderá aonde quero chegar.

- Para sua informação, esta cidade é secreta até mesmo para os índios.

- Deixe-me explicar antes de dar sua palavra final, senhor Governador, é o que peço.

- Prossiga.

- A minha sugestão é a formação de um pequeno grupo destinado a encontrar a cidade dos índios. Essa comitiva teria como único objetivo mapear o caminho. De posse dessa informação, poderíamos organizar um exército de defesa ou antever algum ataque, até que tenhamos força suficiente para destruí-los. O primeiro passo para a solução do problema é a localização, o restante será somente consequência.

- Sua sugestão, senhor capitão, é muito boa, mas há um pequeno problema. Nem os índios sabem onde fica essa cidade, como então a encontraremos? Por acaso a comitiva procuraria sob cada pedra da colônia?

- É aí que eu entro, senhor Governador. Sei de um índio que já esteve nessa cidade.

- E o que você acha que o fará nos ajudar?

- Ele é escravo. Sua liberdade.

- E você confia nele?

- Confio nos meus homens.

- Mas, capitão, há ainda duas coisas que não entendo. A primeira é o seu interesse pelo assunto, uma vez que não envolve suas terras. O segundo é por que o senhor está me pedindo permissão para executar este plano? Sua capitania é próspera e recursos o senhor tem.

- Eu acredito, senhor Governador, que é melhor cortar o mal pela raiz enquanto ele ainda não tomou proporções incontroláveis. O problema ainda não chegou à minha capitania, mas, se nenhuma atitude for tomada, ele chegará. Acredito que é preciso agir o quanto antes. Sobre a sua segunda colocação, eu lhe digo: se o plano traçado der certo, estarei fazendo um bem a mim, à colônia e ao rei. Acredito que a facilidade da obtenção de provisões e munições, em outras capitanias, através de um Selo do Governador-geral seria de grande valia, uma vez que minha capitania também passa por problemas, como todas as outras. No final das contas, sairá para o Governo-geral muito mais barato que a mobilização de um pequeno exército para esta busca, além de não utilizar recursos da Coroa.

- Agora compreendo seus planos e digo que eles são bons, mas a informação tem que ser segura e certa. É muito interessante um pequeno e ágil grupo, além do reduzido custo para os cofres públicos. Pensarei com carinho na sua proposta e, daqui a três dias, lhe darei a resposta.

- Claro, senhor Governador.

- Até!

Pedro Afonso deixou a sede do Governo-geral. O Governador fechou a porta que dava para a sala de espera e dirigiu-se a uma porta lateral, dentro do gabinete.

- Entre, comandante Manuel.- disse, abrindo a porta.

- Com sua licença, senhor Governador.

- Sente-se, por favor.

O comandante agradeceu e sentou-se de frente para o Governador.

- Comandante, o que você achou da proposta do capitão Pedro Afonso?

- É muito interessante.

- O senhor confia nele?

- Perdão, senhor Governador, não entendi a pergunta.

- Comandante, eu o vi nascer e sempre fui muito ligado a seu pai. Peço sua resposta honesta, como fraternos que somos. Você confia no capitão Afonso?

- Senhor, eu só confio naqueles que conheço e que conquistaram esta possibilidade, além dos nossos irmãos pedreiros.

- Muito bem, mas eu conheço o capitão Pedro Afonso e a fama que o precede. Não é do tipo de homem que faz as coisas de graça, ou, como se diz por aí, não dá ponto sem nó! Alguma coisa me diz que há muito mais por trás disso, só que eu ainda não descobri o que é. Ele é uma raposa e todo cuidado é pouco. É de família nobre e muito chegada ao rei. Dar o Selo Real a alguém é dar muito poder nas mãos de um homem, por isso é preciso que essa pessoa seja mais do que de confiança. Comandante Manuel, você o acompanhará e descobrirá o verdadeiro interesse do capitão nesta empreitada. A ordem necessita, mais uma vez, de seus serviços. A você darei o Selo do Rei e o comando da expedição.

- Obrigado pelo voto de confiança, senhor Governador. Parece que já sabia do assunto a ser tratado antes da visita do capitão.

- Comandante, nossos irmãos me contaram aquilo que preciso saber e, acredite, não foram poucos. Prepare-se para partir dia vinte e três. Está dispensado.

- Com sua licença, senhor.

Quando o comandante ia saindo, o Governador acrescentou:

- Parabéns pela vitória, meu irmão. Farei mais uma recomendação sua ao Rei. O Grande Arquiteto do universo tudo vê e está sempre ao nosso lado.

- Obrigado, irmão.

O oficial deixou a sede do governo e dirigiu-se ao quartel onde arrumaria a bagagem de viagem e aguardaria por novas ordens.

09 – O rapto

Um índio andava pela mata à procura de ervas, era um velho que carregava uma bolsa a tiracolo. Os olhos experientes não deixavam passar uma planta que não fosse necessária. Aos poucos, a bolsa foi enchendo, mas, de todas as ervas que procurava, duas ainda não havia encontrado. Normalmente aqueles tipos de plantas nasciam próximas a pedras e em locais de baixa luminosidade, e por esse motivo o velho índio havia se afastado tanto da aldeia. O sol alto iluminava muito bem o solo e com isso facilitava a procura. Pedras grandes, que produziam vastas sombras, eram, naquele momento, o alvo do pajé. Estavam longe, e o senil xamã iniciou a caminhada para encontrá-las, parando, vez ou outra, para verificar alguma possibilidade de buscá-las em um ou outro local que julgasse necessário verificar. O astro rei movia-se com rapidez. De repente, uma grande sombra apareceu e sumiu rapidamente sob o índio. O pajé olhou para o céu e somente vislumbrou a força dos raios do sol. Não se incomodando com o ocorrido, continuou a busca. Novamente a grande sombra passou por ele. Sem olhar para cima, acreditou tratar-se de um grande gavião em busca de alguma presa. Alcançou uma extensa clareira onde havia grandes pedras espalhadas ao redor e um amontoado de pedras menores ao centro, formando uma pirâmide. Sem perder tempo, decidiu investigar a grande estrutura central de forma triangular. Reparou que somente grama crescia na região da clareira, e a área parecia ser, constantemente, limpa de qualquer árvore ou arbusto maior. Lembrou-se das histórias que o avô o contava sobre aquele local e a tentativa de se criar uma cidade-escola longe do núcleo do império. Mas isso foi há muito tempo, no tempo das Grandes Cidades.

A pirâmide era um verdadeiro jardim suspenso. De tudo nela brotava e as sombras eram generosas nas cavidades das pedras desgastadas. Rodeou a base da construção buscando as duas ervas que faltavam, mas não as encontrou. Subiu no primeiro grande degrau com dificuldade e retomou a busca, em vão. Repetiu o procedimento até alcançar o meio da construção onde, finalmente, encontrou uma delas e, das sete pequenas folhas da planta, colheu apenas duas. Meia pirâmide ainda não havia sido explorada. Faltava encontrar ainda mais uma erva. A busca continuou e, já próximo ao cume, ele viu entre dois blocos rachados, que formavam uma pequena gruta de um palmo de altura por meio de largura. O índio se posicionou da melhor forma, de modo que pudesse enfiar o braço pelo buraco e trazer a planta com raiz, sem, contudo, machucá-la. Segurando-se na pedra do patamar logo acima, iniciou a operação. O esforço foi grande, porém recompensador. Um sorriso já surgia no rosto do velho pajé, quando seu braço foi agarrado. O velho foi içado e carregado pelos céus por uma grande sombra.

10 – Os sócios

A noite já havia caído, quando bateram à porta de uma casa afastada do centro de Salvador. Primeiro abriu-se a portinhola, por onde olhos verificaram, a fim de identificarem o perturbador. A porta, então, foi aberta para que o homem encapuzado entrasse no recinto. No interior do local, havia duas pessoas; a que tinha aberto a porta e outra, sentada em uma cadeira. O recém chegado foi quem primeiro falou:

- Não se preocupem, meus homens guardam a casa. - informou-os, retirando a capa. Era o capitão Pedro Afonso.

- Há tropas vigiando a cidade. - respondeu Francisco.

- Eu sei, elas não virão para este lado, certifiquei-me disso. Os senhores estão bem acomodados?

- Sim. - respondeu Francisco. E completou - Quando partimos?

- Uma das qualidades de que mais gosto em você, Francisco, é que é sempre direto. A data certa eu ainda não tenho, mas - fez um suspense antes de continuar - posso afirmar que contarão com o Selo Real.

- Não acredito! O que prometeu ao Governador para conseguir a insígnia?

- Isso não tem a menor importância. O necessário é saber que vocês devem descobrir onde fica a cidade de ouro e retornar com a informação.

- E como você espera vencer o exército dos selvagens?

- Como eu já lhe disse em outra ocasião, cuide de sua parte e eu cuidarei da minha.

Francisco respondeu com o silêncio.

- Agora você deve aguardar. Eu trarei o Selo e a data da partida. Tenho de ir, boa noite.

O capitão virou-se para a saída e Shadá abriu a porta. O visitante desapareceu na escuridão. Quando teve certeza de estarem a sós, Francisco perguntou:

- E então, Shadá ?

- Parece fácil demais, não gosto disso. - respondeu ao sócio.

Francisco confirmou, fazendo um sinal positivo com a cabeça.

11 – Fraternos

A respiração era pesada. A brisa noturna brincava com as cortinas do aposento e a lua já havia passado de seu ápice. A boca murmurava palavras sem sentido, era o monólogo noturno. A cabeça, de tempos em tempos, fazia movimentos bruscos junto ao agitar dos braços. O suor corria pela testa e, após um grito de pavor, ele acordou. Quando recuperou o fôlego, reparou que estava em um quarto, sentado na cama. Os pesadelos estavam sendo constantes nos últimos dias, e neles havia uma situação que se repetia, mas sempre acordava antes de conhecer o desfecho. Não era uma batalha contra franceses ou holandeses, era meio à selva, rodeado por índios e sendo cozido em uma monstruosa panela, junto a pessoas que não conhecia. Sua falecida avó lhe contara que existiam pessoas que podiam antever determinadas situações através de mensagens enviadas pelos anjos em forma de sonhos. Como era perigoso falar sobre isso naquela época, pedia ao neto discrição sobre tais assuntos. Assim ele os tratou, deste então. Fazia muito tempo que não tinha pesadelos constantes, na verdade eles desapareceram após a avó tê-lo levado até o interior da mata, à noite, para um ritual feito por mulheres. Manuel não se lembrava claramente do ocorrido, parecia que o cérebro bloqueava quase todas as informações daquela noite. Os pesadelos recentes tinham cores vivas, eram nítidos e muito reais, diferentemente de quando era criança. A avó lhe contava sobre as visões que depois tinham se concretizado. Eram de grande ajuda. Manuel levantou-se e foi até a janela do quarto, onde podia vislumbrar a paisagem. A casa no alto do morro tinha uma bela vista panorâmica do mar. Da morninga saiu a água que refrescou a garganta e o suor foi lavado em uma bacia, sob um grande espelho. A brisa e as gotas de água no rosto lhe proporcionavam grande frescor. Faltavam duas horas para o nascer do sol. Sem sono, conferiu as bagagens, os uniformes e os acessórios. Trocou-se e saiu da casa. Foi até o celeiro, pegou um dos cavalos e o carregou. Voltou ao forte para dar andamento aos demais preparativos.

O sol surgiu e logo o calor do trópico sul se fez presente. O comandante escrevia no diário em uma sala reservada. Parou e, durante algum tempo, ficou apenas com a ponta da pena apoiada sobre o papel, o que resultou em uma mancha crescente. Como que impulsionado pelo vento morno do início da manhã, escreveu mais algumas palavras e encerrou seu arquivo pessoal. Ainda tinha a respiração descompassada. Sentou-se no chão com as pernas cruzadas e os braços apoiados nos joelhos. De olhos fechados, manteve a respiração forçada em um ritmo bem mais lento. Ficou assim durante muitos minutos, até se encontrar completamente sereno. Abriu os olhos, levantou-se lentamente, deixou o pequeno quarto e dirigiu-se ao escritório para o desjejum que o esperava. O astro rei já havia subido o suficiente, quando o oficial deixou o quartel e foi até a sede do Governo-geral, onde não tardou a ser recebido.

- Bom dia, comandante.

- Bom dia, senhor Governador.

Abraçaram-se, transpassando o braço esquerdo pelo ombro direito do outro e o braço direito pelo tórax formando um "x". Bateram-se três vezes nas costas e inverteram a posição dos braços por outras três vezes. Afastaram-se e continuaram a conversa.

- Como eu havia dito em nosso encontro anterior, a comitiva partirá no dia vinte e três. No dia, você receberá o Selo Real e é bom que saiba que existe a possibilidade de terem que viajar pelo lado espanhol do Tratado. Cuidarei para que nossos irmãos espanhóis saibam de sua presença, mas não da missão. Não sei ao certo, mas, se isso ocorrer, peço-lhe que proteja o Selo a qualquer custo. O capitão ainda não sabe que você liderará a expedição, portanto tenha cuidado. Meus pássaros me cantaram uma melodia, disseram-me que talvez a busca seja por uma mina de ouro utilizada pelos selvagens. Se essa informação estiver correta, você correrá grande perigo. Mais uma vez peço-lhe extrema cautela. Em virtude dos constantes ataques ao litoral da colônia, não poderei ceder-lhe soldado algum, mas, se quiser convocar alguns que não pertençam ao exército, não haverá problemas. Relembro-o: cuide do Selo, obtenha a informação e retorne em segurança. Você é o homem de confiança do rei, não nos desaponte.

Manuel, que até o momento havia escutado tudo atentamente, se manifestou:

- Sim, senhor. Eu não desapontarei o meu rei, nem o senhor e nem os nossos irmãos.

- Mais alguma pergunta?

- Não, senhor.

- Dispensado, comandante.

- Com sua licença, senhor.

Manuel deixou a sede do Governo, mas não sem antes se despedirem com um triplo abraço. Dirigiu-se ao forte, o sol já estava a pino.

12 – O grande exército avança

Ela acordou com o sol batendo no rosto, o astro rei já estava bem alto. Olhou para o galho acima do seu e não avistou o menino. A mulher desceu da árvore e foi até o rio, mas não encontrou o moleque. Bebeu da água gelada, tirou da sacola que carregava uma fruta e agachou-se para comê-la. De repente, seu coração disparou. Era o instinto avisando-a que algo não estava bem. Correu até a árvore, onde passara a noite, e subiu. Ficou em silêncio, tudo parecia tranquilo, até que apareceu um índio, logo depois outro e mais outro. Os passos dos selvagens não faziam qualquer barulho, eram como sombras. A mulher pensava onde estaria o garoto, se estaria protegido, mas manteve a posição, apesar da preocupação que a assolava. Milhares de índios apareceram e passaram sob ela, parecia que o grupo não teria fim, até que um trio resolveu parar. A mulher pôde reparar que quase todo o grupo estava pintado de vermelho e branco, apenas um, que conduzia uma mulher que tinha as mãos amarradas, usava as cores amarelo e preto. O grupo parou para beber água e, naquele instante, a observadora pôde ver que outros integrantes tinham também pés e mãos amarrados, além de não estarem pintados com as cores dos demais. Esses usavam somente tinta branca no corpo. De sua posição privilegiada, ela viu tudo o que acontecia em um raio relativamente grande de visão. Quando se foram, não desceu logo. Esperou o pouco que faltava para o sol se pôr. A noite veio e foi buscar o menino desaparecido. Embaixo de uma grande árvore frutífera, ela o encontrou, dormindo tranquilamente, de barriga cheia.

13 – Um encontro inesperado

Itá dormiu mal, teve sonhos a noite toda. Os sonhos foram muitos e confusos, lembrou-se de pouca coisa. Acordou antes do astro rei nascer, pegou água, comeu algumas frutas que recolheu ao redor do acampamento e, enquanto voltava, encontrou pegadas. Fazia muitos anos que não as via. Eram de um predador fatal. Retornou para o local onde passara a noite, não ousou acender uma fogueira. Partiu o mais rápido que pôde. Quando o sol já estava a pino, encontrou uma trilha deixada por um grupo de índios e decidiu segui-la com cautela. Caminhava devagar, devido ao grande desgaste pelas transformações seguidas, que lhe drenavam as minguadas forças que conseguia recuperar nos poucos e rápidos descansos que fazia. No meio da tarde, não houve jeito. Itá teve que parar para um descanso forçado e, quando dormiu, logo o sonho o dominou. Era dia e ele estava no alto de uma grande montanha. Seres alados voavam sobre o local. Havia um grupo junto a ele. Homens brancos e negros, uma mulher negra e uma criança, todos entre tiros de canhões. Era uma ilha, depois uma enorme aldeia, repleta de mulheres guerreiras. Uma cidade amarela, um exército morto e uma índia, em meio ao mar de sangue. Itá acordou com o chamado de seu nome, a princípio muito longe e depois muito mais próximo.

- Itatinga... Itatinga...

Itá despertou e tomou um grande susto. Um índio o chamava, estavam muito próximos, com os rostos quase colados. Itá deu um grito. O outro índio, assustado, afastou-se do pajé e recompondo-se, perguntou:

- Itatinga, você está bem?

Itá precisou de alguns segundos até se acalmar e reconhecer aquele que lhe falava.

- Cabelo-de-Capim, é você?

- Sim, Itatinga... o que houve?

- É a viagem... - mentiu Itá, que, ao olhar em volta, viu três outros índios que faziam parte do pequeno grupo.

- Nós vamos ajudá-lo. Venham irmãos, vamos levá-lo ao nosso acampamento para que ele possa descansar.

O grupo se reuniu e carregou Itá até o local onde uma fogueira foi acesa. Itá comeu um pouco e voltou a dormir. Foi uma noite tranquila. Pela manhã, Itatinga foi o último a despertar. Tomou o desjejum antes de ser inquirido pelo grupo.

- Itatinga, – iniciou Cabelo-de-Capim - conte-nos sua história.

- É longa, mas eu a encurtarei. Minha tribo foi atacada e levada pelo grande exército. Eu estava fora e, quando retornei, não encontrei o que havia deixado.

Os ouvintes arregalaram os olhos e Cabelo voltou a inquirir o pajé:

- Mas, Itatinga, como sabe que foi o grande exército?

- O sangue estava espalhado por toda a terra e os corpos haviam sumido.

- Sim, essa é uma característica do grande exército. Mas você tem certeza, Itatinga?

- Sim, foi o grande exército.

- Você deve saber que nossa tribo é aliada da Grande Cidade, mas também temos ouvido relatos como o seu. Não sabemos da passagem do grande exército por estas terras.

- Só peço que você conte o que lhe disse ao seu pai, o grande chefe Coruja-Buraqueira. Você fará isso?

- Sim, pajé, farei o que me pede. E o que você fará agora, Itatinga?

Itá refletiu um pouco, antes de responder:

- Seguirei viagem e libertarei minha tribo. Cabelo-de-Capim, você deve levar essa mensagem o quanto antes ao seu pai.

- Sim, Itatinga, partiremos de imediato. Mas devo alertá-lo de que há cupendiepes na região. Nosso grupo foi destacado para caçá-los.

- Vi a marca que um deixou na terra faz alguns dias.

Naquele momento, um dos índios mais novos do grupo, que só escutava, se pronunciou:

- Mais velhos, o que são os cupendiepes?

Itá encarou o jovem, olhou para Cabelo e perguntou-lhe:

- Cabelo, há uma iniciação?

Cabelo-de-Capim sorriu antes de dizer:

- Sim. Este é Sombra-de-Macaco, o mais novo guerreiro de nossa tribo.

O menino ofertou um sorriso amarelo.

- São os monstros que estamos caçando – respondeu Cabelo ao jovem.

- Sombra, - completou Itá - os cupendiepes eram de uma tribo como nós. Eles viveram há muito tempo atrás e foram punidos por Tupã por adorarem um deus de sangue, que estrangeiros trouxeram para cá. Tupã os castigou, transformando-os em criaturas escuras e dotadas de asas que se alimentam de carne crua. Há muito tempo, na época da Grande Cidade, os cupendiepes só eram caçados pelos mais corajosos e melhores guerreiros. Quando esses monstros atacavam as tribos, levavam o que encontrassem para os abismos e precipícios, onde faziam suas moradas. Todas as tribos têm que caçá-los como forma de punição à grande desgraça que provocaram em épocas passadas. Houve um tempo em que foram quase exterminados totalmente, mas, com a queda da última Grande Cidade, eles conseguiram se esconder e parece que aumentaram bastante seu número. Agora que estão mais fortes, estão começando a se aventurar e parece que deixaram de nos temer.

- Mas o que eles fizeram, Itá?

- Muita coisa ruim, meu jovem guerreiro. O deus de sangue propagou o mal no coração dos súditos e Tupã teve de intervir.

- Espero - completou Cabelo - que o mesmo aconteça com a tribo dos Goytacazes.

- Os Goytacazes comem a carne dos membros das tribos a quem caçam como animais. - explicou o pajé - Mas não se esqueça de que Tupã tudo vê e um dia intervém.

- Como são os monstros, Itatinga? - perguntou, ainda, o jovem.

- São criaturas grandes, magras, de cor negra ou cinza escuro, e alguns raros brancos dados ao Imperador da Grande Cidade. Esses eram capturados vivos por um grupo escolhido pelo próprio Imperador e transportados até a Grande Cidade para o sacrifício. Os cupendiepes possuem asas maiores que dois homens deitados, uma longa cauda, dois braços compridos que terminam em três garras, pernas cobertas de pelos, pés que parecem de um enorme gavião, presas grandes como as de porcos do mato e olhos vermelho sangue. São carnívoros e se alimentam de qualquer animal ou homem, vivem como as abelhas, possuem uma líder, a única fêmea, que os comanda.

- São demônios? - insistiu o jovem.

- Não, podem ser mortos apesar do couro espesso que os protege. Temem o fogo, mas não a luz.

- E, Pedra, por que eles não deveriam estar aqui?

- Estas criaturas preferem lugares onde sempre é quente e nesta região há grandes períodos de frio. Parece que estão se multiplicando e ampliando o território de caça. Deve haver novos ninhos e líderes, como se não bastasse o problema que já enfrentamos. O cheiro do sangue os atrai.

- Meu amigo Itá, o astro rei corre no céu e é chegada a hora de partirmos.

- Sim, Cabelo, quanto mais rápido sair, mais rápido chegará ao destino. Até breve!

O grupo partiu e deixou o pajé descansando no acampamento.

14 – Má notícia

Manhã cedo e o sol já esquentava Salvador. O capitão Pedro Afonso já entrava na sede do Governo-geral para a tão esperada audiência. Após o anúncio e a autorização, adentrou no gabinete oficial.

- Bom dia, Governador.

- Bom dia, capitão. Sente-se, por favor. – disse, apontando para uma cadeira.

O capitão obedeceu e aguardou pacientemente. O governante terminou de assinar alguns papéis e os colocou em uma gaveta, que fechou à chave.

- Bem... - iniciou o Governador - pensei muito sobre o assunto e ... - fez uma longa pausa para gerar algum suspense, mas o capitão continuou frio como um bloco de gelo - como eu havia dito... Achei a ideia muito boa, mas... resolvi fazer algumas alterações. Mudanças que ajudarão muito no cumprimento dos objetivos da comitiva.

- Mudanças, senhor Governador? - inquiriu, desconfiado, o capitão.

- Sim, capitão, mudanças.

- De que tipo, senhor Governador? - perguntou, preocupado.

- Explico. A comitiva será liderada por um dos meus homens.

- Mas... Governador... O senhor não disse que cada homem é importante na defesa de nosso litoral? E os franceses e os holandeses? - argumentou.

- Sim, mas o senhor esqueceu que os ataques dos selvagens também fazem parte do trabalho de nossos soldados? E que, para a utilização do Selo Real, é necessário ser um homem de confiança do rei? O senhor vê algum problema em ter um soldado de confiança de Sua Majestade na comitiva?

O gelo havia derretido.

- Claro que não, senhor Governador. – respondeu, sem transparecer a contrariedade, e continuou - Na verdade, será uma honra.

- Ótimo! - exclamou o governante, levantando-se da cadeira - Amanhã, no mesmo horário, traga seus homens, que oficiaremos o acordo.

- Mas, Governador ... - insistiu Pedro Afonso - E se o exército estiver do lado espanhol?

- Nesse caso, o Selo não será necessário e os homens serão apenas capitães-do-mato. Então, capitão, até amanhã. - despediu-se, sem dar chance de resposta ao visitante.

Pedro agradeceu e saiu. Estava muito contrariado, mas não deixou transparecer. Precisava pensar em uma saída até o encontro do dia seguinte. Não dirigiu-se à casa em que estava hospedado, mas ao encontro de Francisco. Cavalgou até a região afastada da cidade e, chegando ao local, deu as boas novas ao comparsa:

- E como agiremos nesse caso, capitão?

- Esta é a parte fácil. Eliminemos o homem do Governador, assim que encontrarem a cidade.

- E seremos mortos como traidores do rei? - perguntou Francisco, dando uma rápida olhada para Shadá.

- Calma, Francisco. Use sua imaginação! O representante do Governador poderá ter sido capturado pelos índios...

- E eu ainda terei de ser assassino!?! - insistiu.

- Admira-me você, Francisco! Sua fama o precede, mas quem disse que o homem terá de ser assassinado? Não poderá ser um acidente? Prepare-se, pois amanhã cedo você verá o Governador e partirá com seu novo companheiro de viagem.

- Acha que será somente um?

- Sim, o Governador não tem homens suficientes para a defesa da colônia, mas não se engane. Será um oficial de sua confiança. Há um jovem em alta...

- Você o conhece?

- Assim como você, Francisco, a fama também o precede. A comitiva não terá somente três integrantes, acredito que haverá recrutamentos durante a viagem e você deverá cuidar para que sempre esteja em vantagem sobre ele.

- Quanto a isso, não se preocupe.

- Arrume-se, a riqueza está batendo à porta. É a hora, descanse bem, faça sua parte e será um homem muito, muito rico.

O capitão levantou-se e deixou a casa. Quando Francisco teve certeza de que o visitante estava bem longe, e de que não era espionado, iniciou a conversa com o laçao:

- E aí, Shadá?

- O que você acha, Francisco?

- Em uma coisa ele acertou: seremos mais ricos que o Papa... Mas também não acredito que ele verá a cor deste dinheiro.

- Você acha que ele desconfia?

- Ele se acha poderoso demais, mas só o é em terras da colônia portuguesa!

- Outra viagem nos espera...

- Sim, só que será muito melhor!

15 – Selo Real

De manhã bem cedo, Pedro Afonso e seus lacaios já esperavam em frente a sede do Governo-geral. Shadá aguardou do lado de fora, enquanto os dois portugueses adentraram na casa oficial, acompanhados de um militar da segurança. No interior, o encontro foi rápido.

- Senhores, eis o comandante Manuel. - disse o Governador, entregando ao militar a carta. - Ele será o portador do Selo Real. A partir deste momento, declaro criada a Comitativa Real de Inspeção e Inteligência Militar Portuguesa. Senhores, o tempo urge e é hora de partirem.

Ao saírem, encontraram duas mulas e doze cavalos abastecidos. Shadá controlava os animais, enquanto os portugueses não tomavam as devidas posições. Dirigiram-se ao porto, onde embarcaram em uma caravela com destino ao sul. Naquela mesma manhã, os europeus trocaram as primeiras palavras entre si no convés.

- Bom dia, comandante Manuel.

- Bom dia, Francisco.

- Aproveitando o ar matinal do oceano?

- Sim, eu adoro o mar e você?

- Prefiro, comandante, manter meus pés secos. Soube de sua grande vitória contra os franceses e gostaria de parabenizá-lo.

- Obrigado, mas, na verdade, quem merece os parabéns são os bravos soldados do nosso Rei.

- Grande disciplina e coragem!

- Sim, esses são nossos valorosos amigos de batalha. Também sei que você participou de algumas lutas, estou errado?

Francisco foi pego de surpresa e percebeu que não foi o único a pesquisar sobre o companheiro de viagem.

- O que fiz foi insignificante.

- Quanta modéstia! Sobreviver a um ataque das tropas espanholas é sempre algo de valor.

Naquele instante, Shadá apareceu e Francisco aproveitou a oportunidade:

- Com sua licença, comandante.

- Toda.

Navegaram durante poucos dias e desembarcaram na divisa da capitania do Espírito Santo e São Tomé, enquanto a nau seguiu viagem até a capitania de São Sebastião. Quando terminaram de desembarcar todo o carregamento, já se aproximava o final do dia. Na areia, acenderam uma fogueira e fizeram a primeira refeição em terra firme. Era uma noite sem lua, de céu limpo e estrelado. Manuel usou o astrolábio e um outro instrumento que adaptara, uma pequena caixa de diminutas dimensões na qual instalou uma compacta bússola, de modo que pudesse carregá-la sempre a tiracolo. O pequeno diário também era um objeto inseparável, além de uma arma de pólvora presa à cintura, mais precisamente às costas, e duas espadas, uma longa e outra curta, localizadas uma em cada lado do quadril e, por último, uma faca escondida na bota. Usava um grande chapéu de abas largas, luvas de couro, um cinto negro com uma grande fivela de ouro envelhecido, avermelhado, que apertava as calças cor de capim seco, uma blusa de manga comprida, da mesma cor, e dispunha de um bolero de couro leve, macio e brilhante. Entre a blusa e o corpo, vestia uma camisa de algodão e, por cima, uma levíssima e resistente malha metálica, presente do Governador na chegada à colônia. Sentado próximo ao fogo, afixava a menor das espadas, um presente do monge Tuziro Tchui quando parou os estudos do outro lado do mundo para retornar a Portugal. Lembranças de uma infância feliz, mas de muita disciplina, com os treinamentos de ataque e defesa do corpo, equilíbrio, meditação, armas de aço e de madeira, literatura e harmonia com o mundo que o cercava. Voltara para Europa devido ao falecimento do avô. A mãe herdou o banco e o pai deixou de ser comerciante e funcionário público para administrar a empresa deixada pelo sogro. No velho mundo, puseram o menino em uma escola de cura durante cinco anos até se formar. Como médico, ingressou na escola de guerra portuguesa e se formou com grande louvor. Foi enviado para a colônia a pedido do Governador-geral, onde realizou grandes feitos em um espaço curtíssimo de tempo. Sonhava, em um futuro próximo, retornar à Metrópole e assumir os negócios da família.

Francisco estava deitado sobre uma manta, olhando as estrelas, os braços cruzados serviam de apoio para a cabeça. Imaginava-se rico, muito rico. Estava em uma enorme casa na Espanha, com muitos criados, talheres de ouro e prata ou, quem sabe, em uma das colônias espanholas com um harém e milhares de escravos à sua disposição. Lembrou-se, de repente, da infância no mosteiro, das traquinagens, das fugas durante a noite, das aulas, dos castigos e da farta mesa. Depois da ordenação, foi enviado para a colônia portuguesa do outro lado do atlântico, para salvar a alma dos silvícolas, mas não obteve sucesso. Com atividade dupla, ajudou capitães-do-mato a capturar os índios para o trabalho escravo nos engenhos de cana-de-açúcar, informando-os sobre as aldeias que não se convertiam à religião do velho mundo. Cobrava caro pela informação. Um dia, os superiores hierárquicos descobriram e o transferiram para Salvador, onde passou a fazer serviços burocráticos, porém logo se envolveu em mais problemas, como facilitação no roubo de obras sacras. Nesse ramo, ficou bastante tempo até ser descoberto. Seria novamente transferido, dessa vez para a África, mas preferiu deixar a vida santa e tornar-se homem livre. Vivia bem e dizia que trabalhava com os mais diversos tipos de negócios, mas nunca explicitava quais. Conhecia muito bem a selva litorânea do sul de Salvador até o limite com as terras espanholas, devido às andanças de homem de negócios. Os relacionamentos e conhecimentos que possuía eram ligados à utilização dos serviços profissionais que oferecia. Sabia muito bem trocar favores com pessoas influentes e que elas poderiam ser úteis em um momento de necessidade. Possuía muitos inimigos e havia boatos de que, quando adolescente, havia utilizado uma técnica de envenenamento em algum desafeto, caso abafado pelo pai.

Um pouco mais distante, e próximo a uma segunda fogueira, estava Shadá. Francisco achou melhor manter o sócio afastado até saber qual seria a reação de Manuel diante da proximidade entre o português e o afro-americano. Os animais estavam arrumados ao redor do fogo, presos em longas estacas que haviam sido enfiadas na areia. A peça estava encostada no cavalo que ganhou de Francisco no dia em que foi comprado. Durante a negociação, o futuro dono fez um contrato verbal com Shadá, prometendo que ele receberia percentuais sobre o total de cada trabalho realizado, além de regalias. Shadá comparou a situação em que se encontrava com a proposta de Francisco e viu que não tinha o que perder. Rapidamente aceitou. Somente após a palavra final do escravo, o português iniciou a negociação da peça. O negro se recordava de como foi difícil Francisco conseguir sua posse, do ex-dono e o atual sócio, como o português o considerava. Francisco teve que apelar para o contato com os poderosos, para sair vitorioso da situação. O ex-dono de Shadá era um pequeno produtor que havia arrendado um pequeno pedaço de terra em uma capitania. A estratégia não foi fácil, mas deu resultado. Shadá, até aquele momento na praia, não havia entendido o porquê de ser ele, mas estava feliz com a mudança de sua sorte, que o tornara quase um homem livre, o que esperava ser em breve. Olhando os animais, lembrou-se da infância nos canaviais, o cortar da cana, os carregamentos dos carros de bois, a vida de moleque de recados, os banhos escondidos no rio e lembranças, por incrível que pareça, felizes. Veio a adolescência e com ela o trabalho no engenho, tinha mente e corpo ágeis e desenvolvia-se tanto mental quanto fisicamente. Era alto e forte, diziam que podia derrubar um boi. Quando o pai deixou fugir, por descuido, um dos animais que movia a máquina, Shadá substituiu o boi, a fim de que a produção não parasse e seu ascendente não sofresse uma punição muito severa. Durante doze horas trabalhou com os animais, até que o animal fosse capturado. Após esse fato, tornou-se aprendiz de capataz e logo depois o próprio, função que exerceu até trocar de dono. Voltando ao presente, pegou

o facção e começou a afiá-lo, dormindo logo em seguida.

Os três adormeceram na praia e ninguém ficou de vigia. A noite avançou e o fogo diminuiu gradativamente. Corria uma brisa gelada e o cheiro das batatas-doces, esquecidas na fogueira, espalhava-se pela praia. Uma sombra aproximou-se, vagarosamente, arrastando-se pela areia, vez ou outra parando para averiguar algum movimento suspeito dos que dormiam. Quando chegou bem próxima aos portugueses, teve ações mais cautelosas, buscando uma posição em que as poucas chamas não o revelassem. Esticou o braço e pegou alguns dos tubérculos que estavam fora da ação do fogo. De posse dos alimentos, afastou-se da mesma maneira que havia chegado, mas não percebeu que, dos olhos que aparentemente dormiam, um não estava completamente fechado.

Pela manhã, o sol foi o despertador natural e, um a um, o astro rei foi aquecendo. Manuel foi o primeiro a se levantar e tratou de reavivar as cinzas com um combustível de resposta rápida. Quando o fogo já estava alto, Shadá acordou e iniciou o preparo do jejum, uma refeição rápida para o primeiro dia de viagem em terra firme. Francisco despertou com o cheiro da comida e tratou de arrumar os recipientes, talheres e copos. Alimentaram-se e o negro foi preparar os animais para a partida.

- Eu creio - disse Manuel, abrindo um mapa com o desenho da colônia, capitanias e principais pontos geográficos, sobre a areia - que devamos seguir para o sul até este ponto. - indicou um local no mapa que Francisco teve de se aproximar para poder visualizar.

- É o melhor caminho. E, se formos pela praia, ganharemos muito tempo.

- A minha sugestão é somente pararmos à noite. - acrescentou o militar - Faremos as refeições sobre as montarias.

- Sem problemas - concordou Francisco.

Montaram e seguiram, conforme o combinado. Ia Manuel à frente, separado de Francisco por alguns animais de carga. Atrás deste, mais alguns animais e, fechando a comitiva, estava Shadá. O sol já havia afastado o frio da noite e, no meio da manhã, a temperatura já estava alta. Era primavera e, nas áreas tropicais, quase não há distinção entre essa estação e o verão. Ora iam pela areia mais compacta e molhada, ora pela mais seca e fofa, dependendo dos obstáculos que encontravam. Os grandes chapéus eram os poderosos aliados contra a força dos raios do astro rei, mas não os únicos: a brisa úmida e constante do mar os refrescava. Aquele dia foi como muitos outros que se seguiram, o céu de um azul maravilhoso e sem nuvens, o mar calmo que ia do verde muito claro a um azul profundo e misterioso, as areias muito brancas e finas que refletiam o calor e a luz do sol, a mata muito verde e densa, limitador natural da praia, e, ao longe, as serras completavam a visão paradisíaca. Os meios dos dias chegavam e passavam apressadamente e as refeições diurnas eram sempre rápidas. Sempre consumiam muita água, devido à temperatura alta durante todo o dia e reabasteciam-se nos pequenos rios que encontravam, desaguando no oceano. As cargas dos animais eram reduzidas devido ao consumo dos suprimentos e logo começaram a observar o que estava à disposição por onde passavam. Aproveitando-se de um rio, Shadá capturou uma quantidade grande de siris que foram o jantar daquela noite. Montaram acampamento por dois dias no local, para o descanso. O pôr do sol deixou o céu com matizes que iam do amarelo ao lilás, o encerramento perfeito de mais um dia.

À noite, com a fogueira acesa, Shadá iniciou o preparo do jantar. Manuel e Francisco ainda se estudavam muito, enquanto aquele vistoriava os animais, este descansava próximo a fogueira afiando um punhal. A peça estava muito ocupada com o fogo e os temperos da ceia. O bom aroma da comida logo se espalhou. Manuel, terminando de fazer a inspeção, sentou-se próximo à luz e começou a escrever em um pequeno caderno. O céu estava estrelado e a temperatura da brisa já havia baixado bastante. As folhas das árvores faziam bastante barulho quando chacoalhadas pelo sopro do mar. Francisco se levantou, prendeu o punhal à calça e dirigiu-se a uma das grandes árvores próximas. Com uma corda nas costas, subiu-a. Quando alcançou o topo, cortou alguns frutos e atirou-os na areia. Quando desceu, recolheu um a um e os levou até o acampamento onde Shadá os assou, e comeram a fruta que tinha gosto de pão junto com a janta. Naquela noite, não receberam visitas.

Manuel despertou antes do raiar do sol. Fazia frio e na fogueira só havia cinzas. Dirigiu-se até os animais, fez uma rápida vistoria e verificou que tudo estava em ordem. Comeu um pouco do fruto assado que restara da noite anterior e esperou o sol nascer. Com a vinda da luz, foi até o rio lavar-se e, na volta, trouxe mais lenha, reavivou o fogo e colocou a água para esquentar. O vento da noite anterior havia chacoalhado muito as árvores e muitos dos frutos maduros estavam no chão. Shadá, ao despertar, também vistoriou os animais e seguiu para apanhar as frutas caídas. Dirigiu-se à fogueira, que ganhava força com o novo combustível, e assumiu a preparação da primeira refeição do dia. Manuel verificava o material que trouxera colocando-o em ordem, para caso a necessidade surgisse. Francisco foi o último a acordar e aproveitou um pouco da água que esquentava para retocar a barba. Assim que todos terminaram a refeição matinal, partiram. Como de costume, empregaram um ritmo forte, uma vez que o sol ainda não os castigava. Aquele dia foi como os anteriores, quente e com um céu perfeito. Almoçaram sobre as montarias, como das outras vezes, e, no início da tarde, alcançaram uma grande formação rochosa que os impedia de prosseguirem pela orla. Viram-se obrigados a contorná-la pela selva. Naquele ponto, resolveram fazer uma pausa. Manuel apanhou o mapa e Francisco se aproximou do conterrâneo.

- É, senhor Manuel, parece que este monte não consta em seu mapa.

- Este e muitos outros, Francisco. Teremos de contorná-lo.

- Creio que gastaremos dois ou três dias só com este desvio.

- Escalá-lo com as montarias é impossível.

- Então a mata e os selvagens nos esperam.

- O curioso é que até agora não tivemos sinais deles. - disse Manuel.

- Realmente, é muito estranho.

Manuel pegou a bússola, analisou a direção e fez anotações rápidas no diário. Guardou as ferramentas e se dirigiu a Francisco.

- Preparem as armas, pois vamos adentrar na selva. Sugiro seguirmos até tarde da noite, para que amanhã possamos estar de volta à praia. Esta noite é melhor não fazermos fogo e descansaremos quanto retornarmos ao litoral.

Francisco confirmou com a cabeça e Shadá sacou o enorme facção. Seguiram o plano traçado e começaram a contornar o monte de pedras. Não precisaram avançar muito para que o dia virasse noite, as grandes árvores quase não deixavam a luz penetrar no interior da floresta. O grupo não conseguia impor um ritmo igual ao da orla, a mata era muito fechada e tiveram que desmontar. Shadá tomou a frente do grupo para abrir caminho com a arma. A noite caiu, a comitiva continuava a duras penas e, por fim, Manuel acendeu algumas tochas para poderem enxergar. Já tarde da noite, encontraram uma clareira e pararam para descansar. O esforço empregado até aquele momento havia sido muito grande e era necessário restaurar as forças. Revezaram a sentinela durante o restante do período de descanso e bem cedo saíram. Logo encontraram um largo rio onde a travessia não era possível. Manuel aproveitou para fazer mais uma leitura da bússola e anotações no diário. Demoraram a encontrar um ponto raso o suficiente para atravessar. Andaram até tarde da noite e, no acampamento, os portugueses discutiram sobre o trajeto:

- De acordo com nossa posição atual, se seguirmos o rio por mais dois dias, no sentido contra a correnteza, e depois formos para oeste, chegaremos a uma vila. - afirmou Manuel.

- Mas, neste caso, teremos que passar por uma serra. - interpôs Francisco.

- Não é muito grande.

- Também não sei se vale a pena voltarmos. Eu nunca vim por este caminho, mas acredito que, se andarmos mais dois ou três dias para o norte, encontraremos uma grande árvore que se destaca muito das demais, e a partir dali eu conheço. Eu, sinceramente, não entendi... por que não seguimos de navio até bem próximo de nosso destino?

- Nesse trecho - explicou Manuel - só há dois pontos de desembarque: no lugar em que fomos deixados ou muito depois da vila. O mar é muito revolto e cheio de grandes pedras, não conseguiríamos desembarcar sem danificar o navio ou os pequenos barcos.

- Então é melhor prosseguirmos e tentarmos encontrar a árvore. Se este rio for o que eu estou pensando, não há como errar.

Naquela noite, armaram acampamento às margens do caudaloso rio e acenderam uma tímida fogueira. Revesaram-se na vigilância noturna e, quando despertaram, partiram quase que de imediato. Pela manhã, o tempo havia mudado muito, o céu estava repleto de nuvens negras e o vento fazia muito barulho ao passar pelas árvores. Não tardou a chover e caminharam sob a tempestade até o anoitecer. No dia seguinte, a chuva voltou e era difícil progredir sobre o piso encharcado. Fazia muito frio e caminhavam com a metade da velocidade de outrora. Quando ia anoitecendo, Francisco reconheceu alguns pontos do rio e decidiram viajar noite adentro, até a grande árvore. Andaram durante muitas horas após o pôr do sol, a chuva havia cessado. No meio da madrugada, alcançaram a tão desejada árvore e desabaram de cansaço. Até os animais estavam exaustos. Naquela noite, não houve fogueira nem vigilância, somente a sinfonia dos roncões.

O sol nasceu e ninguém do grupo havia despertado. Não imaginavam as surpresas que os aguardavam naquele dia. A noite sem fogueira foi muito fria e o pai sol teria muito trabalho para secar todo o encharcamento da mãe terra. Somente no meio da manhã, o céu voltou a ficar limpo e, ao meio dia, a temperatura voltou a elevar-se. O cansaço podia ser um excelente sonífero, mas não há melhor despertador que a fome, e foi essa que chamou Manuel ao mundo dos vivos. O comandante deixou o grupo para buscar lenha seca, o que não foi fácil. Trouxe também um pouco de capim e folhas na mesma situação. Depois de várias tentativas, obteve êxito na produção de chama e iniciou o preparo da primeira refeição do dia. O odor despertou os demais integrantes. Shadá levantou-se e tratou logo de cuidar dos animais. Descarregou os pertences molhados para a devida secagem. Quando a lenha seca acabou, Francisco utilizou a úmida e gerou uma grande quantidade de fumaça. Enquanto esperavam que o calor secasse os pertences molhados, os portugueses traçavam planos para prosseguirem.

- Você diz que esta árvore está na direção da vila - falou Manuel, abrindo o mapa sobre uma pequena caixa e alinhando-o com a bússola.

- É, não é muito reto... A trilha termina em uma outra, que vai da vila ao engenho.

- São quantos dias até lá?

- Uns seis ou sete, mas como estamos com muita carga acredito que levaremos de nove a dez, isso se não chover.

- Vamos usar doze dias. Nesse caso economizamos vinte dias de viagem, no total, com ajuda dos navios. Ainda estamos no lucro. É melhor descansarmos hoje, pois temos um grande estirão até...

- Cof, cof ...

Os portugueses se entreolharam e depois buscaram Shadá, que os devolveu o mesmo olhar indagador. Sacaram as armas e aguardaram. A fumaça estava espessa e ajudava a espantar os insetos, mas não havia vento e ela subia como uma flecha lançada contra o céu. Os três não se mexeram.

Cof, cof ...

16 – Um achado inesperado

Manuel olhou para o topo da árvore, mas os galhos e a densidade das folhas formavam um verdadeiro cogumelo com a fumaça, que dificultava a visibilidade. Francisco montou guarda próximo ao tronco, enquanto Manuel e Shadá iniciaram a subida. Shadá era mais rápido que o português, e levava uma corda transpassada pelo corpo e o facão preso à cintura. A árvore era muito grande, e proporcional era a quantidade de galhos. A poucos metros do chão, a fumaça já era asfixiante e ambos não conseguiam enxergar mais do que dois metros acima de onde estavam. Já tinham alcançado o meio da árvore e os galhos continuavam muito grossos, quando Manuel se apoiou em uma das ramificações e viu um homem. Gritou por Shadá, que retornou para ajudá-lo. Amarraram a corda no indivíduo e começaram a descê-lo, tinha a respiração fraca e o corpo gelado. Francisco se assustou ao visualizar um vulto que descia sem apoiar-se nos galhos. A sombra aumentava conforme se aproximava do solo, até que o observador em terra pôde entender do que se tratava. Era um índio e parecia morto. Quando tocou o solo, o corpo tombou para um dos lados, vagarosamente, até ficar deitado. Manuel e Shadá desceram tão rápido como dois raios.

- O que é isto? - indagou Francisco.

- Um índio – respondeu, sarcasticamente, Manuel.

- Isso eu sei! Ele nos espionava?

- Creio que não, está quase morto. Shadá, vamos deixá-lo próximo ao fogo e arrumar um cobertor para aquecê-lo.

A peça executou as ordens prontamente.

- Não acredito - falou Francisco - que o comandante vai perder tempo com o selvagem...

- Ele pode nos ser útil. Você fala a língua dele, não?

- Depende de sua tribo.

- Prepararei algo quente para ele tomar. - falou Manuel.

- Era só o que faltava! - respondeu Francisco.

Manuel preparou rapidamente uma sopa, enquanto Shadá alimentava o fogo. Quando ficou pronta, o comandante misturou um pouco de aguardente ao caldo e deu ao índio semiconsciente.

- Isso deve ajudá-lo. É melhor também descansarmos, pois a jornada começará cedo amanhã. Devemos manter o revezamento para a vigilância, pois a fumaça já está muito alta e também para o caso do índio despertar. Eu farei o primeiro turno - ordenou Manuel.

Três descansando e Manuel ficou acordado até o início da noite, quando cearam a sopa e deram uma nova dose ao filho da terra. A noite passou tranquila, assim como as trocas dos vigilantes. Pouco antes do nascer do sol, Manuel já estava de pé e alimentou o fogo. Shadá despertou logo em seguida e começou o preparo da refeição matinal. O índio continuava no mesmo estado, mas a febre havia cedido e a cor pálida das faces havia dado lugar a um leve corado. Enquanto Francisco comia o desjejum, Manuel escrevia no diário e Shadá terminava de arrumar as bagagens nos animais. Foi Francisco quem quebrou o gelo naquela manhã.

- Espero que faça sol durante vários dias.

- O vento está vindo do norte e, enquanto estiver assim, não haverá chuva - respondeu o comandante ao conterrâneo.

O silêncio voltou a reinar durante alguns minutos, até Manuel dar uma ordem:

- Shadá, prenda o índio em um dos cavalos e assegure-se de que ele não vá cair durante o trote.

Francisco, com cara de espanto, perguntou:

- O senhor vai levá-lo?

O comandante ignorou a pergunta e dirigiu-se até a montaria que usava. Francisco ficou parado, olhando o português se afastar e, para não ficar para trás, tomou o lugar junto ao animal que o carregava. Shadá prendeu o índio em uma mula e redistribuiu a carga dessa entre os demais. A peça, antes de montar, escondeu todos os resquícios do acampamento do grupo. Partiram rumo à vila. À esquerda, podiam ver o morro que contornavam, ao longe; à direita, uma grande serra que também parecia cruzar-lhes a frente. Era um dia limpo de forte calor. Decidiram que não fariam paradas, para ganharem tempo. A disposição da tropa havia sido alterada: na frente ia Manuel, seguido pelo índio. Já era meio da tarde, quando encontraram mais um rio. Quando o sol já estava se pondo, chegaram a um local ideal para montarem acampamento. Desmontaram e acamparam, desceram o índio e o acomodaram próximo ao local destinado à fogueira. Shadá saiu para buscar lenha enquanto Manuel consultava a leitura dos instrumentos que trazia na bagagem. Francisco sentou em uma pedra e aproveitou o momento para sondar o comandante:

- Não confia em sua caixa? - perguntou, referindo-se à bússola.

- Ainda estou a testá-la. - respondeu Manuel, sem olhá-lo.

Shadá retornou naquele instante e tratou logo de acender a fogueira.

- Pelo que você me disse, Francisco, gastaremos esse tempo porque vamos margear a serra, certo?

- Sim, exato.

- E se a atravessássemos?

Francisco interrompeu o ritual de amolar o punhal e encarou seriamente o interlocutor. Demorou alguns segundos para responder:

- Um homem... Sozinho... A cavalo... Com pouca carga... Bem, demoraria uns dois dias.

- E você já fez este trajeto?

Naquele momento, Francisco compreendeu as intenções de Manuel.

- Sim, em uma ocasião de extrema necessidade. Mas agora estamos com muita carga, além de um peso morto... - fez uma pequena pausa e olhou em

direção ao índio - Não conseguiríamos!

- Por quê?

- Próximo ao topo, do outro lado, - fez uma pausa, encarando o comandante - há uma fenda. A passagem é estreita e muito lisa. Basta um descuido para... - deixou incompleta a resposta.

- Você já falou com esse índio que o capitão Pedro Afonso nos indicou? - perguntou Manuel, mudando de assunto.

- Não.

- Como vamos saber que é ele?

- O capataz da capitania é um antigo conhecido de um dos homens de confiança do capitão. Ele nos levará ao selvagem.

- E por que esse índio entregaria um dos seus?

- Essa é uma das minhas tarefas, comandante.

Naquele momento, Shadá bateu com a colher na panela, era hora do jantar ser servido. Batata doce assada, carne de sol com farinha e um pouco de sopa. Primeiro comeram e só depois alimentaram o índio. A peça era o responsável por manter o silvícola hidratado durante todo o percurso. Manuel ficou de guarda no primeiro turno. Pouco antes de passar o posto para Francisco, escutou um barulho muito baixo. Saiu para uma vistoria no perímetro do acampamento, mas nada encontrou. Pela manhã, Shadá avistou muita fumaça vinda de trás da serra, era negra e o vento logo a trouxe com ele. Manuel não precisou ordenar, todos já cuidavam dos preparativos para a partida.

- Vamos pela serra. - informou o comandante.

- Mas é muito perigoso! - argumentou Francisco.

- Temos que ganhar tempo, a vila está sendo atacada! Se contornarmos, poderá ser tarde demais quando chegarmos.

- Mas e as cargas? - retrucou Francisco.

- Levemos só o essencial.

O comandante estava decidido e argumento algum o convenceria. Dos doze animais, seis ficariam e, junto a eles, a maioria das provisões e alguns itens desnecessários naquele momento. Quatro cavalos com seus respectivos cavaleiros e duas mulas, formavam o grupo enxuto. Partiram a toda velocidade possível, em direção à serra. Quando já tinham se afastado há um terço de hora, ouviram rugidos e um relincho. Os animais estavam sendo atacados. Todo o grupo ouviu e acelerou ainda mais o passo. Naquele momento, Manuel teve certeza de que alguma coisa os vigiava e que essa coisa não era humana. O dia parecia ter muita pressa em passar. Apesar da trilha com pouquíssimo uso e do forte ângulo de inclinação da subida, avançavam com velocidade. As árvores altas faziam muita sombra e, na medida em que subiam, essas ficavam mais espaçadas, era uma tendência até alcançarem o cume. O cume era descampado e com uma quantidade enorme de pedras. Do alto, puderam ver o bombardeio dos canhões navais à cidade. Sob a bandeira da França, navios massacravam o pequeno forte e o restante da vila. Manuel tentou continuar, mas Francisco o impediu.

- É loucura! Quando alcançarmos a falha já será noite, é morte com certeza! Além do mais, só somos três e não poderemos ajudar a conter a invasão.

Shadá, pela primeira, vez expressou sua opinião:

- É melhor que fiquemos, meu senhor comandante. Escute o que meu senhor Francisco diz, se conseguirmos passar pela fenda, chegaremos em uma hora em que não teremos grande utilidade.

Manuel era minoria e, apesar do coração aconselhá-lo a prosseguir, a razão o intimava a concordar com os demais integrantes da comitiva. Respirou fundo e concordou que a prudência era a melhor opção naquele momento. Atrás de uma enorme pedra, acenderam uma pequena fogueira e montaram acampamento. A rocha escondia as chamas e os protegia dos ventos. Organizaram as montarias e a guarda. A vista privilegiada era uma grande aliada. Dormiram ao som dos canhões, que somente cessaram quando a lua atingiu o ponto mais alto do céu. No meio da noite, Francisco acordou e foi até Manuel que estava de guarda.

- Você tem ideia do que era aquilo que atacou os animais? - perguntou Francisco.

- Não, mas o que quer que tenha sido, nos seguia há alguns dias.

- Dizem que estas matas abrigam seres que sequer imaginamos.

- Você já viu algum? - inquiriu Manuel.

- Já andei muito por estas terras, quase sempre próximo ao litoral e nunca vi nada, só soube de histórias.

- Também nunca vi nada demais, só histórias.

- Vou acordar Shadá, pois está na hora da rendição. - falou Francisco e, logo depois, se afastou.

17 – A fenda

A noite passou sem problemas e, antes do nascer do sol, a tropa já estava pronta para descer a serra, e assim fizeram sob os primeiros raios de luz. Após a descida fácil, por uma trilha de quinhentos metros, surgiu a “boca”. Era muito larga e profunda com um estreito beiral que margeava o precipício. O caminho era apertado até para um animal de carga. Manuel decidiu redistribuir o peso das cargas entre os animais e o índio iria só em uma mula. Cada um dos integrantes da trupe iria a pé, puxando as rédeas do seu animal. As mulas acostumadas a terrenos acidentados estariam no fim do pelotão. Em fila indiana, o grupo iniciou a travessia. O trecho de um quilômetro foi vencido com uma velocidade muito baixa, mas a última mula empacou no meio da trilha. Manuel e Francisco começaram a chamar o animal pelo nome, Branca, mas de nada adiantava. Francisco, impaciente, foi ao encontro do animal com uma corda presa à cintura. Quando alcançou Branca, tentou prender a outra ponta da corda no pescoço do animal, mas ele retrocedia a cada avanço do português. Francisco xingou o animal de todos os palavrões que recordava. Manuel ordenou a Shadá, que ainda não tinha atravessado, que iniciasse o trajeto de modo a cercar o animal teimoso. A peça, espertamente, pôs o cavalo à frente, com o intuito de se proteger de eventuais coices da mula. O animal, ao ser encurralado, iniciou o avanço, enquanto Francisco retrocedia. O cavalo empurrava a mula e, passo a passo, Branca avançava vagarosamente, até que voltou a empacar. Não tinham avançado muito, mas já era um progresso. Shadá insistiu em usar o cavalo para fazer a mula andar, mas ela começou a escoiceá-lo e ele se assustou e empinou, obrigando Shadá a recuar alguns metros. Naquele mesmo momento, Francisco retornou para onde estava Manuel. A mula, sem a pressão, voltou a andar e atravessou todo o abismo. Shadá e o cavalo fizeram a travessia logo após o animal chegar ao outro lado.

Para baixo todo santo ajuda e assim foi a descida. No mar não havia sinal dos navios e muita fumaça ainda saía do vilarejo. Do lado da serra que dava para a vila, havia pouquíssimas árvores e grandes áreas de relva junto a enormes pedras. A descida era suave e conseguiram avançar com excelente velocidade. Próximo ao meio dia, alcançaram a estrada que ligava o povoado ao engenho. Caminharam menos de meia hora, até realizarem o contato visual. Uma escrava ajoelhada à beira do caminho chorava ao lado do corpo sem vida de um semelhante. Quando chegaram à vila, a visão era devastadora! Havia poucas paredes de pé e, para onde quer que se olhasse, havia focos de incêndio, corpos, o odor de pólvora, sangue e podridão. A fumaça era sufocante e o corre-corre, constante, ninguém parecia ter notado a chegada dos visitantes. Mulheres e crianças choravam, homens gritavam de desespero e dor. A morte, acompanhada da foice, havia estado naquele campo e a colheita não havia sido pequena. Manuel fez um rápido reconhecimento do local e juntou-se novamente ao grupo.

- Só há escravos, vamos ao engenho.

Retornaram à estrada e seguiram com a maior velocidade que puderam. Havia um grande fluxo de pessoas rumo ao interior, diferente de quando chegaram. Na máquina, não havia viva alma. Uma parte da construção havia sido muito atingida e o canal que a cercava estava em chamas. Manuel, então, se aproximou de Francisco e sussurrou:

- Qual é o nome daquele que nos levará ao índio?

- Joaquim de Queiroz.

O comandante ficou de pé na cela e gritou na direção da construção:

- Sr. Joaquim de Queiroz, fomos enviados pelo capitão Pedro Afonso!

Só o crepitar do fogo respondeu ao português, que tornou a repetir o grito:

- Sr. Joaquim de Queiroz, somos amigos! Fomos enviados pelo capitão Pedro Afonso!

Manuel se aproximou do conterrâneo e perguntou:

- Será que fugiram para a floresta? Há algum lugar sem ser a casa grande onde eles se esconderiam?

- Que eu saiba não.

Manuel olhou para Shadá e ordenou:

- Shadá, apronte um abrigo no engenho e cuide do índio, enquanto eu e Francisco vasculharemos a vila e a estrada.

O escravo dirigiu-se para a construção, levando o índio e os animais, enquanto os portugueses partiam. No caminho, encontraram alguns escravos, mas eles não sabiam onde os patrões estavam. Na vila, não foi fácil pôr ordem na imensa confusão. Conseguiram reunir algumas mulheres e crianças e lutaram para extinguir os focos de incêndio, reunir os feridos e montar acampamentos improvisados para enfermaria, cozinha e dormitórios. A ala dedicada aos doentes passou a ser o centro da reorganização. Aos poucos, os sobreviventes apareciam, atraídos pelo cheiro da comida que era preparada, mas, quantos aos senhores, nada. A noite se aproximou e a dupla voltou ao engenho. Shadá preparava a refeição, enquanto o índio, semiconsciente, falava:

- O que ele diz, Francisco? - perguntou Manuel.

- Não sei... - fez uma pequena pausa antes de continuar - Parece algo sobre uma mulher. Eu não consigo entender bem, é uma variação da língua dos selvagens que não conheço muito. Ele pede aos inimigos para não levá-la... Fala sobre voar grandes distâncias... Sobre a família e ... - fez uma nova pausa - sobre um grande exército de índios!

- Um exército de índios! - exclamou Manuel.

- Não sei... - disse Francisco - É difícil, mas acho que é isso.

Naquele momento, com um movimento abrupto, o índio sentou-se. Tinha os olhos esbugalhados. Encarou Shadá, com o rosto tomado pelo pavor, e voltou a desmaiar segundos depois.

- É, Shadá, eu acho que ele se assustou com você. - disse Francisco.

A gargalhada geral seguiu ao comentário e Shadá completou:

- Para quem há alguns dias estava quase morto...

- Excelente trabalho, Shadá. - elogiou Manuel.

Os cúmplices trocaram rápidos olhares, mas nada disseram. Cearam em silêncio e se recolheram, mas mantiveram a vigilância por turnos. A noite passou e uma bela manhã se apresentou. Cedo foram para a aldeia, colocaram o índio na enfermaria e reuniram os poucos homens em condição de trabalho. Cavaram grandes covas coletivas para o sepultamento dos mortos, enquanto um grupo de mulheres saiu em busca de todo e qualquer

alimento que pudesse ser consumido pelos sobreviventes. Os homens para o trabalho não passavam de vinte. Um número próximo estavam sob cuidados e mais de cem foram enterrados. No meio da tarde, conseguiram recuperar alguns animais que tinham fugido e se dirigiram à mata para trazerem grandes toras. Todos trabalhavam sob o comando de Manuel, e Shadá fazia o papel de capataz. Só pararam para a refeição do meio do dia e tarde da noite, para comer e descansar.

- Não acha, comandante, que estamos perdendo tempo aqui? - perguntou Francisco.

- Nossa situação não é a que eu esperava. Poucos animais, poucas provisões e ainda não encontramos quem procurávamos.

- É, realmente não temos muitas escolhas, mas se os franceses voltarem?

- Como falei, essa região possui grandes pedras no litoral e o mar é muito revolto, uma defesa natural. Por que você acha que eles não desembarcaram? Perceberam as condições e decidiram destruir a vila com os canhões.

- Então não há perigo, comandante.

- Eu não disse isso. Eles podem ter tentado e alguns marujos sobreviveram ao choque com as rochas. Seria interessante organizar uma expedição e fazer uma inspeção nas cercanias.

- Amanhã organizarei uma. E quanto ao índio?

- É uma esperança que tenho desde a noite passada, um tesouro que encontramos. Mas, enquanto ele não melhorar, adiantaremos a reconstrução da vila.

- Reconstruir para quem? Só há escravos!

- Tenho esperança de que alguns dos donos desta terra tenham sobrevivido. A reconstrução forçará os escravos a trabalharem, evitando que façam ou pensem besteira, além de demonstrar que, apesar dos donos não estarem presentes, eles não estão livres.

- Shadá pôs uma das mulheres no tronco!

- Isso é bom, pois mostra-lhes que as coisas continuam nos devidos lugares. E os animais recapturados?

- Já foram alocados.

- Amanhã ordene a Shadá que envie as crianças para procurarem pedras e que também separem os entulhos. Vamos reconstruir a capela. E as peças feridas?

- São dezoito, dez de maneira grave. Os demais podem realizar algum serviço leve.

- E desses, quantos podem ser salvos?

- Acredito que uns quatro - respondeu Francisco.

- Dos feridos, quantos são homens?

- Sete ou oito.

- E desses, quantos não poderão ser salvos?

- Uns dois.

- Bem, temos um saldo razoável de mão de obra. Alguma criança?

- Não.

Manuel anotou todos os dados no diário e terminou a conversa ordenando:

- Vamos descansar.

18 – Capitão

A noite chegou e trouxe com ela o frio. Na única construção intacta da vila, os portugueses acamparam e, nas semidestruídas, mantiveram a enfermaria e a cozinha. Shadá dormia próximo à porta de entrada da casa e cada homem branco em um cômodo. Pouco antes do meio da noite, o vigilante escutou o som de vozes que vinham de onde os escravos dormiam. Shadá pegou o enorme facão e uma das armas de fogo e foi averiguar o que tinha escutado. Ao sair, viu vários negros indo de um lado para o outro como se realizassem tarefas. Ao se aproximar de um, segurando-o pelo braço, perguntou:

- O que houve?

- O nosso senhor voltou , está no engenho - respondeu a mulher.

Shadá a largou e ela retornou para o que estava fazendo. Correndo, o membro da trupe voltou ao acampamento dos portugueses.

- Francisco! Francisco!

- O que houve? - disse o português, deixando o leito num grande salto.

- Os escravos dizem que o senhor deles voltou.

- O quê!?!?

- Disseram-me que está na máquina.

- Corra e prepare os cavalos! Acordarei Manuel.

Mal Francisco terminou de falar, Shadá já havia desaparecido pela porta. O português tentava vestir-se, enquanto corria para o aposento do comandante e tomou um grande tombo. Manuel despertou com o barulho e veio o encontro do conterrâneo.

- O que houve? - perguntou o comandante, já desembainhando a espada.

- Eles voltaram! - gritou Francisco.

- Saíamos já daqui! Leve todos para o engenho antes que nos atinjam. Rápido, homem!

- Não!

- Se ficarmos aqui, seremos atingidos pelos canhões! Anda! Mova-se!

Manuel recolhia tudo o que podia da forma mais rápida possível. Francisco quase foi atropelado quando o comandante deixou o quarto em direção ao cômodo principal. Foi quando escutou:

- Não são os franceses!

Manuel parou e virou-se para Francisco, ainda segurando todas as coisas que conseguiu pegar.

- Não são os franceses? - perguntou, ainda aos gritos.

- Não! - respondeu Francisco em um tom muito mais baixo.

- Então quem são? - perguntou Manuel, quase sussurrando.

- São os moradores - respondeu Francisco na mesma altura da pergunta.

Manuel suspirou profundamente, antes de começar a falar no tom natural de voz:

- Você está louco? Sou acordado por um estrondo e, quando vou averiguar, encontro você caído e gritando que eles voltaram. O que você quer que eu pense?

Depois de um pequeno espaço de tempo e algumas respirações profundas, Manuel prosseguiu:

- E onde eles estão?

- No engenho. Pedi a Shadá para preparar os cavalos.

- Deixe-me trocar meus trajes e já partiremos.

Francisco o deixou e, do lado de fora da habitação, encontrou Shadá, que mantinha os animais prontos para a partida dos homens brancos. Ao se aproximar, inquiriu a peça:

- Como os escravos souberam?

- O amo deles mandou um dos homens vir fazer o reconhecimento do local e encontrou...

- Encontrou...

- Ele avisou ao patrão que não éramos franceses. O que houve lá dentro, Francisco?

- O comandante se assustou.

- Assustou!?!?

- É uma longa história.

- E onde ele está?

- Vindo, foi se arrumar.

- Quer que eu vá na frente? - indagou Shadá - O escravo foi bem convincente.

- Você fala bem, Shadá. Quem o ensinou?

- Um padre. Também sei ler um pouco.

- Um padre e serviços... Eu me lembro de quando eu era um. Junte alguns escravos e vá. Está armado?

- Sim.

- Qualquer problema, trate de não deixar um de pé.

- Assim será.

Shadá reuniu três escravos e partiu nas montarias recapturadas. Manuel demorou mais algum tempo antes de ir. No meio do caminho, encontraram Shadá e a comitiva retornando. Um dos homens se destacou e se dirigiu aos portugueses:

- Sou Pedro Rosário, capataz do Sr. Joaquim Queiroz.

Manuel fez uma pausa proposital e olhou para Shadá, que consentiu com a cabeça, informando-o de que a situação estava sob controle. O comandante estufou o peito e se esticou sobre a montaria.

- Sou o Comandante Manuel, representante oficial de Sua Majestade, o rei de Portugal. Onde está o seu senhor?

- Senhor, ele está na máquina e pediu para que eu viesse junto a alguns escravos. Pensou que poderia ser uma armadilha dos invasores.

- A cautela é sempre um excelente aliado, ao contrário da covardia. Retorne ao seu senhor e lhe diga que não precisa temer. Informe-o que o representante do rei está aqui e que, pela manhã, ele venha a mim.

- Sim, meu senhor. - O capataz fez uma singela referência e retornou ao engenho.

Manuel esperou o capataz se afastar com os demais escravos, antes de interrogar Shadá:

- O que viu lá, Shadá?

- Poucos homens, várias mulheres e crianças.

- Algum sinal de hostilidade?

- Não, senhor.

- E onde está seu cavalo?

- O padre pegou emprestado.

- E onde ele está?

- Seguiu para as ruínas da igreja.

- Estranho... - desconfiou Manuel.

Francisco aproveitou a oportunidade:

- Se me permite, comandante, creio que a atitude do padre foi por minha causa.

Manuel olhou para ambos, procurando entender o que aquela situação queria dizer, mas não interferiu.

- Eu e Shadá iremos ter umas palavras com ele. - completou Francisco.

- Como quiserem - finalizou Manuel, tomando o caminho com destino à vila.

Francisco e Shadá partiram rapidamente. Ultrapassaram Manuel e, quando já estavam bem longe, iniciaram a conversa, na única situação em que estiveram a sós, desde a partida de Salvador:

- Você conhece o Padre?

- Não.

Shadá arregalou os olhos, mas não questionou. Francisco entendeu a pergunta que o sócio formulava e respondeu:

- Precisávamos de um pouco de privacidade, não?

Shadá respondeu com um largo sorriso.

- E o comandante?

- A hora chegará, mas teremos que aguentá-lo até o momento propício. - respondeu o português.

19 – Um plano

Nas ruínas da igreja, encontraram o sacerdote. Avisaram-no sobre a reconstrução do templo e trocaram alguma conversa sacra. Partiram tão rápido quanto chegaram.

O dia amanheceu com um lindo céu azul, mas, no horizonte, era possível avistar o cinza chumbo da tempestade. Ainda cedo, Shadá mandou quase todos os escravos homens e os animais para a mata,, a fim de trazerem as madeiras para as reconstruções. Naquela manhã ventava bastante e a comitiva logo se aproximou. Manuel, em traje de gala, aguardava-os na porta do alojamento provisório junto a Francisco. Da posição que estavam, era possível ver o despontar do cortejo na estrada que ligava a vila ao engenho. Francisco aguardava a chegada do capitão para, com dois escravos, partir na tarefa de fazer o reconhecimento das praias da região, em busca de franceses que tivessem sobrevivido a uma tentativa de desembarque. A espera não foi longa e logo as apresentações foram feitas, ao som das pedras que eram separadas pelas crianças. Um homem branco, bem trajado, aproximou-se, tirou o chapéu, curvou-se e disse:

- Sou o capitão Joaquim Queiroz, ao seu dispor.

Manuel, que estava sobre uma elevação natural do solo, se apresentou:

- Seja bem vindo, capitão. Sou o comandante Manuel, representante oficial de Sua Majestade, o Rei de Portugal – disse, apresentando o Selo Real.

Os componentes do cortejo fizeram uma breve reverência e o capitão continuou:

- Meus ouvidos não poderiam receber melhores notícias. Pena estarmos nesta situação e não podermos recebê-los como deveriam. Meu coração se enche de alegria em tê-los aqui.

- É verdade, capitão, a situação não é a esperada, mas nada que o trabalho não possa resolver - respondeu o comandante com um sorriso.

- Quando meus homens me avisaram, quase não acreditei. É um milagre!

- Deixemos a Deus as coisas de Deus. O senhor foi avisado de nossa vinda?

- Sim, recebi o recado do capitão Pedro Afonso.

- Sugiro que mantenha mulheres e crianças guardadas no engenho pois não descartamos ainda a possibilidade de um novo ataque. O senhor tem notícias das embarcações reais que passaram por aqui?

- Quantos às mulheres, não se preocupe, comandante. Dei ordem para ficarem na máquina e estão bem guardadas. Quanto as embarcações do rei, foram afundadas pelos franceses.

Manuel trocou olhares com Francisco e depois de um longo suspiro e alguns segundos de silêncio, falou:

- Francisco, se desejar ir, está tudo bem.

- Capitão, o senhor me emprestaria dois ou três de seus homens para uma expedição de vistoria? - perguntou Francisco.

- Claro. Pedro, separe os homens que melhor conheçam o local e dê-lhe armas.

- Obrigado, capitão. E com a licença dos senhores...

Francisco partiu com cinco homens nas respectivas montarias. Manuel e Joaquim continuaram a conversa:

- O escravo de Francisco está na floresta com alguns homens, escolhendo as madeiras para a reconstrução da vila. As crianças estão juntando pedras para as paredes e há vários enfermos na enfermaria improvisada.

- Dividirei o resto dos meus homens entre os que estão na floresta e as crianças. Mandarei ajuda ao trabalho com as pedras, temos muitas paredes para levantar.

- Capitão, não há canhões para a defesa da cidade? - inquiriu Manuel.

- Chegaram poucos dias antes do ataque e não houve tempo para instalá-los.

- Foram destruídos?

- Não, ficaram a salvo no engenho.

- Ordene que os tragam pois, se os franceses voltarem, terão uma bela surpresa.

- Imediatamente.

O capitão apenas olhou para Pedro, que entendeu o recado e partiu rapidamente com alguns homens.

- E o índio, capitão?

- Infelizmente, ele foi atingido durante os ataques e não resistiu.

- Tivemos uma importante baixa e ainda temos muito trabalho a fazer. Então mãos a obra.

Despediram-se com todas as cordialidades e voltaram aos afazeres. Com a chegada dos canhões, Manuel ordenou que fossem instalados em dois pontos estratégicos por ele designados. Os carregamentos de toras começaram a chegar mais rápido e os montes de entulho diminuía na mesma velocidade que as paredes eram levantadas. Ao entardecer, Francisco retornou com a pequena tropa e os dois integrantes da trupe real cearam com o capitão.

- Quais são as novas, Francisco? - perguntou Manuel.

- Percorremos praias, rios e matas ao redor da vila e nem sinal de embarcação ou destroços. Não há pegadas ou sinal de fogueiras.

- E o índio? - continuou Manuel.

- Ele passa poucos instantes acordado, ainda está muito fraco.

- E diz alguma coisa?

- As escravas me informaram que o índio só olha, não emite nenhum som.

- Há um índio? - perguntou o capitão.

- Sim, um que achamos no caminho para cá. E a reconstrução, capitão?

- A casa da enfermaria já se encontra com todas as paredes de pé e, amanhã, removeremos os enfermos e completaremos o telhado. A próxima é a igreja.

- Pelo menos sua família, capitão, terá um lugar mais próximo, porém menos seguro. Por falar em seguro, no dia do ataque dos franceses, nossas montarias também foram atacadas, O senhor sabe nos dizer pelo quê?

- Atacadas?!?

- Sim. - completou Francisco - Tivemos que deixar metade de nossas montarias e provisões, em virtude da necessidade de cruzarmos rapidamente a serra e a falha, para chegarmos aqui. Quando nos afastamos, escutamos o relinchar dos animais e os rugidos, que não eram de animal conhecido.

- O que quer que fosse - incluiu o comandante - nos seguiu por alguns dias antes...

O capitão Joaquim arregalou os olhos e ficou um tanto pálido. Manuel e Francisco repararam prontamente no estado do anfitrião. Após um longo período de silêncio, o comandante insistiu na pergunta.

- O que era aquilo, capitão?

- Eles estão se aproximando! - disse o capitão, em um tom de pânico.

Manuel e Francisco trocaram olhares e foi a vez deste perguntar:

- O que são eles, senhor Joaquim?

Joaquim arregalou os olhos e tremia, ao começar a falar:

- São feras! Demônios na forma de enormes cães. Enormes e negros... Enormes, negros e assassinos! Vivem à nossa espreita e sempre atacam em bandos. Já perdi a conta das preciosas cargas, animais e homens que perdi, mas depois que provaram o sabor do nosso sangue, querem mais! - falou, tomado pelo desespero.

Manuel raciocinava. Não conseguia entender como um capitão, com homens e armas, pudesse temer alguns animais. Francisco pensou em voz alta:

- São lobisomens.

As palavras soaram como maldição. Capitão Joaquim se benzeu. Naquele exato instante em que o sinal da cruz era feito, o padre bateu à porta, que estava aberta, e entrou sem esperar autorização.

- Sim, são filhos do demônio. Esta terra está cheia deles.

O capitão ainda estava com o desespero no olhar. O comandante ignorou o comentário do sacerdote e dirigiu-se a Joaquim, com um olhar que perfurava até aço.

- O capitão já os viu?

- Sim.

- Já viu algum ser morto?

- Uma... Uma vez...

Manuel levantou-se, pôs a mão sobre o ombro de Joaquim e disse:

- Não se preocupe, capitão. Nada que chumbo, pólvora e aço não possam resolver. - retirou a mão do ombro do capitão e saiu do recinto.

- Ele não sabe o que diz - disse, em tom de desespero e incredulidade, o capitão Joaquim.

- Não, capitão, eu sei muito bem o que digo. Tenho um grande aliado e, contra Ele, nenhum demônio pode. - respondeu o comandante, transpassando a porta.

- Eis um homem de fé - completou Francisco, com algum sarcasmo na voz.

- Também um soldado de Deus. - disse o padre.

- Será que ele vai enfrentá-los? - perguntou o capitão, sem acreditar.

Francisco respondeu com uma cara de "Só Deus sabe". Logo Manuel retornou, informando aos presentes que se retiraria para descansar e todos fizeram o mesmo. À noite, Shadá e alguns homens de confiança do capitão se revezaram durante a guarda. Manuel dormiu pesadamente e sonhou. Estava em uma pequena ilha em um dia de céu azul, brisa fresca e mar calmo. Para onde olhava, só avistava a junção do mar ao firmamento. De repente, na água, bem à sua frente, surgiu um intenso borbulhar e, daquela movimentação, uma mulher emergiu, loura, de véu branco sobre a cabeça, rabo de peixe e com uma linda criança loura nos braços. O ser marinho encarou Manuel durante vários segundos, antes de falar:

- Meu filho...

O comandante ficou confuso com a melodia da voz da mulher, que tinha uma beleza divina. Não sabia se fazia referência a ele ou à criança que trazia no colo.

- Meu filho, - repetiu ela - a você trago esta criança. - e a levantou até estar bem próxima ao rosto de Manuel.

Naquele instante, o comandante reparou que a criança não era mais branca e sim negra, e que sorria e tinha um grande brilho no olhar. Manuel voltou a atenção para a mulher, quando essa voltou a falar:

- Lembre-se de que esta criança é um presente meu para você. Ela só ficará contigo enquanto a quiser. Junto a ela vem uma mulher, que também será de grande ajuda à sua empreitada. A mulher e a criança são metades que se completam, não há como separá-las. Esses presentes vêm do mundo antigo, saiba agradecer e usá-los com sabedoria. Agora acorde, pois o Pai Maior, o Deus Sol, já começará a iluminar mais um dia em sua vida.

Manuel despertou assim que a mulher do sonho terminou de falar. Levantou-se e dirigiu-se à entrada da habitação. Os primeiros raios do sol despontavam no mar, ao leste. Relembrou-se de cada detalhe do sonho, recostado na porta, e foi despertado pelo cheiro do café fresco. Os trabalhos começavam: as madeiras eram serradas e as paredes da capela voltavam a se erguer. Pouco antes do almoço, os canhões estavam instalados e municiados. O comandante, no meio de uma conversa com Pedro, comentou:

- É uma pena só termos dois canhões. E pensar que os mais próximos estão a meses de viagem. Por que têm tão poucos, Pedro?

- Era para serem seis, meu senhor, mas com os ataques aos carregamentos...

- Que ataques?

- Faz uns seis meses, quando voltávamos de Salvador com um carregamento e fomos atacados pelas feras. Só conseguimos salvar o carregamento de munição.

- Que feras?

- Os cães do coisa ruim – respondeu, em um sussurro.

- Você estava na escolta das cargas?

- Sim, meu senhor, eu e mais nove homens. Quem nos liderava era o patrãozinho, o filho do capitão Joaquim.

- Como aconteceu? - perguntou o comandante, interessado.

- Já estávamos próximos à vila, a uns dois dias de marcha. Anoitecia e fizemos nosso acampamento, como de costume. Um dos mais novos estava com muito medo e dizia que ouvia passos que nos acompanhavam há vários dias. Ele era o último homem da fila, mas nós sempre ríamos e dizíamos que era um grande covarde. Arrependo-me de não ter dado valor ao que ele dizia. Naquela noite, bebemos bastante e não acendemos uma fogueira tão grande quanto das outras vezes. Ríamos muito e estávamos felizes por nos encontrarmos tão próximos de casa. Com a bebida e a proximidade do lar, nos sentimos seguros e não montamos guarda. As feras se aproveitaram da situação e se aproximaram, sorrteiramente. Foram ajudadas pela fogueira com poucas brasas, luz e quase nenhum calor. O mais jovem foi o primeiro a ser atacado. Parece que o cheiro do medo os atraiu. Acordei com os gritos dele, mas não pude socorrê-lo, porque foi rapidamente levado para a escuridão da noite. Foi tudo muito rápido. O seguinte foi o que estava ao meu lado direito. Pude sentir o bafo da besta. Ela agarrou, com os dentes, o ombro e o braço dele. Acredite, meu senhor, os pelos do animal roçaram minhas costas. O pavor nos tomou, atirávamos para todos os lados, mas tivemos que recarregar e aí veio a investida das feras. Tentamos nos defender com espadas, porém só golpeávamos o ar. Animais e homens eram devorados. O desespero tomou meu coração e resolvi correr, corri como se meus pés tivessem asas. O cansaço não se abatia sobre mim, porque o medo era muito maior. Parei somente quando o dia amanheceu e eu estava em uma colina, próxima à vila. Mas o demônio tinha me seguido e, quando caí na grama, já próximo ao topo, eu o vi. Não vinha com pressa, pois sabia das minhas condições. Eu não tinha nada para me defender e só minhas mãos não bastariam. Só o que pude fazer naquele momento foi orar. Orei com o maior ardor com que um homem pode pedir clemência a Deus. Enquanto isso, a besta se aproximava, era negra, enorme, peluda, com dentes gigantescos, olhos amarelos e hálito pútrido. Meu senhor, naquele instante, juro pela minha vida, eu perdi a minha fé. Mas Deus me deu uma lição da qual nunca me esquecerei. No alto da colina, estava o capitão Joaquim junto a vários homens. Não me lembro em detalhes, mas, segundo me contaram, primeiro foram disparados três tiros que, ao acertarem a coisa, deixaram-na mais enlouquecida. Ela se esqueceu de mim e foi de encontro ao grupo. A fera matou dois bravos homens da patrulha e feriu vários outros, inclusive o capitão, além de ter inutilizado vários animais. No desespero da luta, o capitão conseguiu recuperar e recarregar a arma de fogo e, com um tiro certeiro, atingiu a cabeça do animal, que não morreu de imediato. Disseram-me, ainda, que foram necessários mais de duzentos golpes de espadas para terminar o serviço. Por fim, aquela besta foi destruída em uma grande fogueira.

- E a carga? - perguntou Manuel.

- Dois animais apareceram na vila, no dia seguinte, com as munições.

- E vocês não voltaram para pegar o restante?

- Por Nossa Senhora! - respondeu Pedro, fazendo o sinal da cruz.

Manuel abriu um largo sorriso e voltou para a casa que mantinha como aposento e quartel-general. Ao passar pela enfermaria, teve boas notícias.

- Meu senhor! - disse um velho negro, de cabeça completamente branca, olhando para o chão.

- Diga, escravo. - respondeu Manuel.

- O índio está acordado, meu senhor.

- Ela já pode andar?

- Ainda não, meu senhor, mas, dentro de um ou dois dias, conseguirá.

- Continue a cuidar muito bem dele e, quanto estiver em condições, traga-o a mim.

- Sim, meu senhor, será como ordena.

Manuel não esperou e rapidamente continuou o caminho de outrora. Na hora do almoço, os dois membros da comitiva real e o capitão se reuniram e falaram sobre o andamento dos trabalhos de reconstrução e defesa da vila.

- A vila está voltando a ter casas. - iniciou Francisco.

- Logo voltaremos a ser o que éramos. - disse, entusiasmado, o capitão.

- Mas não por muito tempo. - completou Manuel.

Francisco se aventurou:

- O que quer dizer, comandante?
 - Os franceses voltarão e não tardará muito.
 - Por que diz isso comandante? Como o senhor mesmo sabe, o desembarque por aqui é muito difícil e perigoso. - concluiu o capitão.
 - Mas os senhores se esqueceram da geografia ao nosso redor. Ao norte, há uma grande colina que adentra o mar e forma uma muralha natural que protege a praia, e, ao sul, uma alta serra que margeia o oceano.
 - Não compreendi o seu raciocínio, comandante - disse Francisco.
 - Explico: as embarcações inimigas passaram na direção do sul e, deste ponto até a capitania de Santana, não existem mais que dois pontos guardados por canhões. No ataque a esta vila, não houve revide de artilharia e a geografia ajuda na defesa. Eles voltarão.
 - Mas, meu senhor, o que disse sobre a dificuldade de desembarque?
 - Mais ao sul há um ponto.
 - Eles virão por terra! - concluiu Francisco, em tom de espanto.
 - E quanto tempo temos? - perguntou Joaquim, preocupado.
 - O desembarque da tropa, a marcha rápida e com equipamentos... De dez a doze dias. Os navios com poucos homens nos atacam um dia antes, minando qualquer resistência, e a tropa por terra virá por nossa retaguarda.
 - Mas como o meu senhor tem tanta certeza de que será assim? - insistiu o capitão.
 - Seria desta maneira que eu faria.
 - E o que faremos? Só temos dois canhões e poucos homens. - foi a vez de Francisco demonstrar o temor.
 - Uma guerra - respondeu o comandante - não se ganha somente com um exército mais numeroso, mas também com qualidade e estratégia. E parece que temos o reforço de mais quatro canhões, não é, capitão? - Manuel fez a pergunta, com um largo sorriso no rosto.
 - O senhor não está pensando em ... - disse o capitão, arregalando os olhos de pavor.
 - Sim!
 - Mas e os cães do inferno?
 - O senhor pode escolher, capitão: os cães do inferno ou os cães do mar.
 - Há mais canhões? - perguntou Francisco.
 - Eu... Eu não sei... É muito perigoso... - disse, relutante, Joaquim.
 - Podemos ficar aqui esperando pela morte em desvantagem ou podemos enfrentá-la de igual para igual. - pressionou Manuel.
 - Os lobisomens... - Francisco pensou alto.
 - Eu não posso voltar lá. - disse o capitão, abaixando a cabeça para não encará-los.
 - O senhor não precisa voltar, basta mandar os melhores homens comigo.
 - E se os senhores não voltarem? - perguntou, levantando a cabeça e encarando o comandante, com um olhar de desespero.
 - Não se preocupe, capitão, não serão alguns cães que tirarão minha vida. Quando eu morrer, será em batalha. Prometo que voltarei com o que fui buscar, para chutar o traseiro de outros cães. - Manuel respondeu com o rosto transformado. Era a face de um ser quase divino, era o Senhor da Guerra que falava.
- Joaquim o encarou durante algum tempo e cedeu diante da força do olhar do comandante.
- Pois bem, meu senhor. Pedro indicará o local.
- Manuel prontamente foi ao encontro do capitão, mas, no caminho, foi interceptado por uma criança negra, que lhe disse algo. Ao terminar, a criança voltou correndo para o lugar de onde veio e o comandante prosseguiu na direção que ia. Encontrou Pedro junto aos homens que terminavam o telhado da igreja, falou com o braço direito do capitão, que assentiu prontamente. Ao retornar, uma escrava se aproximou, trocaram algumas palavras e, ao final, deu algumas ordens a mulher.
- Senhores, sairemos no meio da noite. - informou o comandante aos presentes, entrando no quartel general.
 - É melhor, então, descansarmos. - concluiu Francisco.
 - Mas antes - observou Manuel - é melhor prepararmos nosso material pessoal. Francisco, mande alguns moleques chamarem Shadá.
 - Imediatamente.

20 – O chamado

Quando Manuel, Joaquim e Shadá terminaram a arrumação dos itens para a viagem, o comandante se retirou para descansar. Joaquim e o escravo deixaram a casa e dirigiram-se à mata. A princípio, o português entrou sozinho, enquanto o sócio foi em direção a um grupo de homens que ainda trabalhava. O lusitano afastou-se bastante do povoado, até encontrar uma clareira onde acendeu uma modesta fogueira. Shadá não tardou a chegar, acompanhado de um jovem escravo amarrado e amordaçado. Francisco traçou os círculos no chão e escreveu as estranhas palavras. Estando os três no centro das figuras geométricas, o homem branco começou a evocação. Não sabiam que, bem próximo, um homem negro e de capuz os observava, dentro de um pequeno círculo que o tornava invisível a quem quer que fosse. A fraca chama trêmula iluminava uma fumaça que se formava na parte externa do círculo, onde estavam os três humanos.

- Boa noite, Senhor das Sombras. - disse Francisco.

- Boaaaaa noooooiiiiiteeeee... - respondeu o ser.

- O senhor sabe aonde iremos esta noite?

- Sssiiiiimmm...

- Pode nos proteger das bestas?

- Sssiiiiimmm...

- Mas não esqueça que o comandante não deve ter a mesma sorte nossa. Pode arrastá-lo para o mundo escuro?

- Sssiiiiimmm...

- Ótimo! Nesse caso, trouxemos um presente para o senhor.

Não houve resposta. O jovem escravo tremia muito, mas Shadá o forçou a ajoelhar-se e, com um único golpe, decapitou-lhe. O forte negro segurou o corpo que se debatia no chão, enquanto o sangue jorrava para fora das duas esferas no chão. A fumaça se aproximou do líquido e sorveu-o. Francisco esperou o convidado terminar, antes de começar a falar:

- Satisfeito?

- Sssiiiiimmm...

- Então vá, pois há trabalho a ser feito.

A fumaça dissipou-se:

- Shadá, suma com o corpo.

O negro de capuz sorriu e, junto ao círculo traçado no chão, desapareceu.

21 – A visita

A tarde estava no fim e a sinfonia das aves era escutada por toda a parte. Sentados ao redor de uma fogueira em uma gruta, assavam uma porção de carne de cheiro muito agradável. Afastados do fogo, estavam várias frutas no chão, um recipiente com água, outro com um conteúdo misterioso e uma folha de bananeira, envolvendo algum objeto não identificado. A mulher e a criança estavam recostadas a uma parede, enquanto, lá fora, a luz do astro rei minguava. A brisa fresca acariciava os corpos e fazia um ruído contínuo e suave, que convidava ao toque de Morfeu. Ambas estavam desmaiadas e não viram quando adentraram no esconderijo. Não houve barulho ou falta de cuidado, mas a vibração do ar tornou-se diferente. A mulher, desprotegida, despertou, através do mesmo sentido que a avisou da invasão. Atacou o visitante, rápida como uma cobra e precisa como um felino. Em um piscar de olhos, estava de pé e cravara a lança no intruso. Ao se virar, viu aquele que a esperava.

- Perdoe-me, - disse, ajoelhando-se - eu não sabia que era o senhor.

Aquele homem forte, negro, alto, de gorro vermelho e olhos de fogo respondeu com um sorriso no rosto, um sorriso de mistério. Calado estava e calado continuou. A mulher se levantou e dirigiu-se ao local onde estavam os objetos no chão. Pegou a bolsa com o líquido misterioso e o objeto embrulhado na folha de bananeira. Retornou para o visitante e entregou-lhe os itens. O homem pegou os objetos e deixou a bolsa vazia. Retirou o gorro e pegou um cachimbo feito de sabugo de milho e um pouco de fumo. A mulher pôde reparar no estranho feitio da cabeça do visitante, era como se o alto da cabeça fosse uma faca. Colocou um pouco da erva no utensílio e, quando puxou o ar pelo instrumento, uma minúscula brasa pulou da fogueira para dentro dele. O cheiro doce do fumo queimado misturou-se ao do assado e tomou todo o ambiente. Olhando-a firmemente, o visitante abaixou-se próximo à criança. A mulher não o encarava. Parecia que o visitante podia ler qualquer pensamento seu. Então o silêncio foi quebrado por uma voz grossa como um trovão.

- Suas tarefas têm sido muito bem feitas, Soró.

- Obrigada, meu senhor.

Naquele exato instante, a criança despertou e sentou-se.

- E você, Lokô, está bem? - perguntou, acariciando o cabelo do menino.

A criança assentiu positivamente.

- Soró, o momento está próximo, a encruzilhada chegou.

A mulher nada respondeu e o visitante continuou:

- Vocês seguirão o caminho inverso das águas do rio que está próximo daqui, até o lugar onde ele brota da terra. De lá, continuarão na direção de onde o grande pai adormece com a chegada da mãe noite. Depois de três dias de caminhada, encontrarão uma grande árvore sagrada, com três grandes galhos que saem de um único tronco. Ali vocês esperarão, porque haverá uma grande batalha e nela conhecerão o homem branco que os levará para o lugar que devem ir.

O visitante se levantou e a mulher perguntou:

- Veremos o senhor?

- Somente quando for necessário.

Quando ia deixando a gruta, Soró insistiu:

- Devo confiar nele?

O visitante respondeu, continuando o caminho que fazia, sem olhar para trás:

- Nele sim, mas o igual é diferente. Não se esqueça de alimentar os quatro elementos e oferecer o sacrifício da porca à Grande Mãe.

Como fumaça, o visitante desapareceu na noite. Soró e Lokô comeram e descansaram pelo resto da noite que começava.

22 – Despertar

Itá sonhou. Sonhou que se levantava e via seu corpo inerte deitado em uma esteira de palha. Olhou ao redor e viu homens e mulheres de pele negra também em repouso. Era uma noite escura e do lado de fora da habitação havia uma intensa luz vermelha. O índio se dirigiu para fora, onde um grande homem negro o esperava. Ao olhá-lo, lembrou-se do aviso dos antepassados: escuro como a noite, capuz vermelho e olhos de fogo. Sem receio, dirigiu-se a ele, que falou primeiro:

- Boa noite, Itá.

- Boa noite, amigo - respondeu o índio.

- Você está recuperado?

- Eu não sei...

- Não se preocupe. Hoje você acordará.

- Obrigado. Meus antepassados me avisaram de sua vinda.

- Sim, eu sei. Sei também que você cumpriu um pacto muito importante.

- A porca?

- Sim, suas chances de êxito aumentaram - confirmou o negro.

- E o que devo fazer agora?

- O homem branco tentará recuperar as bocas de fogo para lutar contra outros homens brancos. Ele corre grande perigo. Não perca tempo tentando convencê-lo a não ir, porque ele não te escutará. Você deve convencê-lo de que sua ida é necessária para a sobrevivência dele.

- E como farei isso, meu amigo?

- Ele procura a cidade secreta dos índios, fale sobre ela.

- Mas eu não sei onde ela fica!

- Eu sei disso, Itá, mas ele não. Fale a ele também sobre a mulher e a criança negras e que, sem elas, ele não terá êxito na empreitada que inicia.

- Um homem branco na cidade amarela...

- Não se preocupe, pois ele o ajudará muito mais que alguns dos seus iguais.

- E a mulher negra?

- Também é de confiança, Itá. Só tome muito cuidado com o outro homem branco e o negro que trabalha para ele.

- Sim. Obrigado pelo aviso, meu amigo.

- Agora volte para onde veio, porque logo acordará.

Mas, antes de partir, Itá fez uma última pergunta:

- Como devo chamar você, meu amigo?

- O Mensageiro.

Itá acenou positivamente com a cabeça e voltou para a enfermaria. Na mesma noite, uma escrava procurou Shadá e conversaram um pouco. A peça se dirigiu à casa do senhor e transmitiu-lhe o recado. Francisco tratou de acordar o comandante.

- Desculpe-me por atrapalhar o seu descanso, comandante.

- Tudo bem, Francisco. O que houve?

- O índio insiste em vê-lo, apesar do estado em que se encontra.

- Eu me trocarei e logo estarei na enfermaria.

Não demorou até que Manuel chegasse ao local e visse o índio sentado em uma esteira. Quando o comandante se aproximou, o silvícola se levantou com muita dificuldade. Entreolharam-se e o índio falou:

- Eu saber lugar você ir. Eu ir junto.

No rosto de Manuel surgiu uma expressão de espanto. Um índio falando o seu idioma! Itá entendeu a expressão no rosto do homem branco e acrescentou:

- Eu estudar padres.

O comandante abriu um largo sorriso e concluiu que era óbvio o excelente trabalho dos missionários, e perguntou pausadamente:

- Onde eu vou?

- Você ir lutar bicho.

Manuel ficou curioso com a resposta do índio e perguntou:

- Como você sabe?

- Eu ver. Eu sonhar.

- Mas você está muito fraco para me acompanhar.

- Índio lutar. Índio bom lutar.

- Quando você estiver em condições, pode ser.

- Índio não ir, você morrer! Animal matar homem branco, homem branco não achar exército índio!

Aquelas palavras pegaram Manuel de surpresa. Como poderia o índio saber?, pensou.

- E se índio morrer? - perguntou o comandante.

- Índio não morrer, índio ver sonho. Índio salvar você. Mulher e criança da noite salvar você.

A intuição de Manuel gritava para que levasse o índio. Ele fala a verdade, sem ele você não têm chances! Ele falou que uma mulher também me salvaria. - pensava. Lembrou-se de seu sonho e, então, disse:

- Sairemos mais tarde, esteja pronto.

Manuel deixou a enfermaria e voltou à casa para descansar. Ainda tinha algumas horas antes da partida e toda energia poupada era bem vinda. Um pouco antes do meio da noite, Manuel despertou, pegou os pertences que havia arrumado na véspera e os conferiu. Deixou o quartel-general que montara e dirigiu-se à rua principal da vila. Foi o terceiro a chegar, somente precedido pelo índio e Shadá. As montarias já estavam alinhadas e abastecidas e quatro carroças puxadas por dois animais cada, preparadas. O grupo era formado por Manuel, Francisco, Shadá, Itá, Pedro e mais dois escravos. Levavam quinze cavalos, quatro carroças, armas, pólvora, ração para alguns poucos dias e água. O comandante deu ordens expressas proibindo qualquer tipo de bebida alcoólica. A estratégia era realizarem todo o plano em, no máximo, três dias, sem parada para descanso e, na medida do possível, sem grandes contratempos. Aos poucos, os integrantes da nova comitiva foram chegando e se preparando para a partida. Por último, veio Joaquim.

- Desejo-lhes uma boa viagem e que consigam realizar com sucesso a missão. Que o Senhor Jesus Cristo os abençoe. - falou o capitão em voz alta.

Manuel, já sobre a montaria, aproximou-se de Joaquim e deu as últimas ordens:

- Senhor Joaquim, nos dias que se seguirão, deve executar exatamente as ordens que deixei. Os franceses estão em marcha e não tardarão, mas, quando chegarem aqui, quero que tenham uma desagradável surpresa.

- Não se preocupe, meu senhor, cumprirei todas as exigências.

Enquanto Manuel e o capitão acertavam os pormenores, Francisco fez a vistoria por todo o grupo e viu que o índio não estava sobre um dos cavalos, mas sim numa das carroças. Levava um galho grande, um médio e vários gravetos e cipós, além de uma velha faca que devia ter encontrado no meio dos destroços. Quando tudo pareceu pronto, o líder guiou a tropa rumo à escuridão da noite. Desde o princípio da marcha, mantiveram o passo apertado e rapidamente a vila e o engenho ficaram para trás. Com a companhia da lua, a trilha era iluminada. O barulho dos animais e carroças formavam uma sinfonia junto aos barulhos dos seres noturnos. Em dois dos carros, havia grandes sacos repletos de carne, alimento que Francisco cozinhava muito bem. Aos poucos, a lua foi se recolhendo e a escuridão começou a ser dissipada pelos primeiros raios de sol. No final da manhã, chegaram ao local onde Pedro havia sido salvo por Joaquim e a patrulha. O capitão mostrou, ao comandante e aos demais membros da comitiva, os restos do animal.

- Impressionante. - disse Francisco, ao ver a ossada

E era. O ser devia ter uns três metros de comprimento por um e meio de largura, a cabeça era descomunal e a coluna vertebral fazia uma espécie de corcova. Tinha mais de um metro e vinte de altura. Era como se Cérebro, o cão de Hades, que Heracles capturou, tivesse voltado. Ao final da vistoria, Francisco comentou:

- A armadilha que prepararemos pode não ter efeito no tempo esperado, comandante. Estes animais são enormes e demorarão a cair.

- Então - respondeu Manuel - teremos que abatê-los a ferro e fogo. E você, índio, precisará mesmo de tantas flechas? - perguntou ao selvagem, sorrindo.

Itá acenou positivamente com a cabeça e continuou o trabalho. Pelo caminho, até aquele ponto, Pedra Branca terminou o arco e preparou centenas de flechas. Pedro estava cabisbaixo e o comandante, observando o subalterno, o dirigiu-lhe palavras de incentivo:

- Não se preocupe, soldado, sua hora não é chegada. Logo estaremos de volta à vila, para uma batalha de verdade.

Shadá fez questão de segurar o crânio do animal para sentir seu peso. Por fim, Manuel o levou o consigo, como uma espécie de prêmio e material de estudo. A tropa continuou rumo aos canhões abandonados. À noite, acenderam o braseiro que Itá tinha pedido para trazerem. Caminharam com tochas presas às carroças, o índio havia preparado dezenas delas antes de partirem. Shadá fechava a comitiva e, em sua frente, ia Itá no carro. No meio da noite, já podiam sentir e ouvir uma companhia a escoltá-los pela trilha. Com a ordem de Manuel, os pedaços de carne começaram a ser lançados o mais longe possível do grupo. Minutos depois, já era possível ouvir os rosnados e brigas pelos aperitivos deixados. Um cerco caminhava junto ao grupo, camuflado pela escuridão. Próximo ao início da manhã, chegaram ao local desejado e encontraram o que procuravam. A uma distância de mais ou menos vinte metros, vários animais já se reuniam em diversas direções formando núcleos de cinco ou seis integrantes. O ataque não tardaria a acontecer. Enquanto dois ou três homens trabalhavam para embarcar os canhões, outros formavam um cerco próximo, onde cada indivíduo protegia um lado. Já era possível ver os efeitos da armadilha em alguns animais, pela dificuldade de andar ou de se manterem de pé. Mas havia outros, muitos outros. Em uma grande árvore ao redor da clareira, um homem negro, de capuz vermelho e olhos de brasa estava sentado sobre um círculo formado por formigas, sobre um finíssimo galho. O espectador prestava atenção em tudo o que acontecia, com o grupo rodeado por feras. Na extremidade oposta das árvores e bem mais próximo aos homens. uma pequena nuvem negra começava a se adensar.

- Imaginava que seriam tantos? - perguntou Francisco ao comandante, que não respondeu.

Shadá e Francisco trocaram olhares. Era visível seu receio. Manuel demonstrava que tudo ocorria como o previsto. Os enormes cães eram a encarnação da própria ansiedade e alguns já se aventuravam a chegar perto do grupo. Quando Francisco fez a mira em um, o comandante interveio:

- Ainda não - disse, e pouco depois o animal se afastou - espere o ataque ou o último canhão ser levado para as carroças.

Francisco respirou profundamente e soltou o ar de uma só vez. Quando o último armamento foi colocado sobre o carro, Pedro se pronunciou:

- Já estamos prontos, comandante.

E, então, a ordem foi dada:

- Passem para as carroças, pois só elas retornarão. Levem apenas o que precisarem e debandem os animais. Só atirem se tiverem certeza que irão acertar.

Com o primeiro tiro dado por Manuel, os cavalos se assustaram e rapidamente partiram, mas não foram muito longe, pois os lobos eram como piranhas. A princípio, os homens mataram vários deles, mas, no momento de recarregar as armas, o contra-ataque foi inevitável. Os animais que tentavam pelo lado sul eram impedidos pelas flechas certas de Itá, mas pelos outros lados os caminhos estavam abertos. Um dos animais, com um salto, acertou um dos escravos e ainda derrubou um carro. Shadá, que dividia o transporte com o atingido, sacou o facão e, com um só golpe, decepou a cabeça do cão, que fazia do escravo refeição. Naquele momento, Manuel ordenou ao grupo:

- Índio, dê cobertura a Shadá! Pedro, apronte o canhão! Negro - ordenou ao escravo mais próximo - dê cobertura a Pedro!

Shadá moveu a pesada peça, enquanto o capataz a abastecia. O comandante pegou algumas garrafas com panos nos gargalos e acendeu-as. Quando as jogou contra as feras, viu os objetos explodirem ao tocar o solo e espalharem o líquido e a chama por um grande raio, incendiando o que estivesse ao alcance. De repente, um som ensurdecedor ecoou. Vários animais foram despedaçados. A alegria foi momentânea, uma vez que a intimidação pareceu não surtir o efeito esperado na matilha. O artilheiro e o ajudante voltaram a preparar a arma. As pilhas de carcaças só cresciam e Itá estava ficando com poucas flechas. Em último caso, usaria a lança. Mais um tiro de canhão e mais pelos e carnes eram espalhados pelo local. O cerco apertava, e as bestas já evitavam o lado da artilharia, obrigando os soldados responsáveis pela arma a trocarem a direção do ataque. Com muita dificuldade, os homens conseguiram recarregar as armas pessoais. Naquele momento, a batalha estava quase no corpo a corpo. Shadá conseguiu municionar mais um canhão e as bocas de fogo protegiam dois lados do grupo. Porém, em um momento de descuido, duas bestas conseguiram alcançar um outro escravo que Pedro havia trazido. Os animais o pegaram, um por cada braço, e o dilaceraram. A névoa negra rodeava todo o contingente. Parecia instigar as bestas contra os homens. O Mensageiro fez um simples gesto, com um dos dedos, e um vento forte começou a soprar. Rapidamente a fumaça negra se dissipou. O grupo passou a ter somente cinco elementos. Os canhões disparavam alternadamente e, junto com as armas de fogo pessoais, a trupe conseguiu que os lobos recuassem temporariamente em dois dos flancos. Nos outros dois, os ataques continuavam intensos. Itá aproveitava as flechas cravadas nos inimigos mortos próximos para se municionar. Shadá conseguiu sozinho virar a pesada arma que manjava e, com isso, aumentou o estrago no grupo inimigo, porém um grande número de animais chegou da floresta, em reforço aos que combatiam. Por alguns instantes, a batalha cessou e as feras recuaram para se reagruparem aos novos integrantes da matilha. Francisco, ao ver o grupo de cães se afastar, bradou:

- Cães do inferno! Parecem se multiplicar ao toque do chumbo!

Manuel tinha o rosto cansado, porém mantinha o semblante tranquilo e, com a voz de um trovão, ordenou:

- Shadá, ao meu sinal, atire em nossas reservas de munição!

Os corações de todos os membros do grupo aceleraram ainda mais. Era o fim. No momento em que as bestas se lançassem contra o grupo, a explosão não deixaria nada vivo por um raio de cinquenta metros. A peça virou a arma, com a ajuda de Pedro, e fez a mira. Aguardava somente a ordem. Os minutos tornaram-se horas e, por um instante, pareceu que os cães infernais sabiam da intenção da comandante e, por isso, adiavam a investida. O que ninguém contava era com a mudança de lado da sorte. Na direção do canhão que Shadá atirava anteriormente, surgiu uma mulher negra como a noite sem lua. A mulher estava só e a única arma que portava era uma grande lança. O grupo só a percebeu porque a matilha desviou a atenção para a novidade. Seu cheiro foi trazido pelo vento e bastou um segundo para que muitos animais partissem em direção à presa solitária. A guerreira parecia uma estátua, estrategicamente colocada na paisagem, uma deusa em um corpo mortal, que brilhava sob os raios de sol. Apesar do rápido avanço das feras, a mulher parecia imóvel. Era um ser superior a tudo o que acontecia naquele local, intangível para qualquer ato mortal. Quando as feras já haviam percorrido metade da distância para o alvo, a mulher começou a se mover vagarosamente. Levantou o braço direito com uma preguiça infinita. Parecia calcular exatamente a relação entre velocidade e espaço que a separava dos que avançavam contra ela. Conjugado ao movimento do membro, realizou uma breve abertura dos lábios e, quando as bestas já se encontravam a menos de dez metros dela, pôs na boca um minúsculo objeto que tinha em uma das mãos. A força dos pulmões impulsionou o ar com violência para fora do corpo, atravessando o objeto preso entre os dentes. Foi como se uma barreira invisível tivesse sido levantada entre a mulher e os lobisomens, que foram atingidos todos, em um único e certo golpe. Os animais rolaram pelo chão, em desespero, e, após alguns segundos, bateram em retirada. Em questão de segundos, só a mulher, o grupo e as carcaças ainda estavam no local da batalha. Os homens ficaram hipnotizados com a façanha da mulher. Depois de alguns minutos, Manuel, o primeiro a retornar do estado de choque, desceu da carroça, foi até a salvadora e falou:

- Obrigado!

Ela o encarou com um olhar firme e perguntou:

- Há lugar para dois viajantes?

- Claro!

A mulher virou-se para a direção de onde veio, fez um sinal com as mãos, e uma criança negra veio correndo. Manuel instantaneamente a reconheceu, era a criança com quem tinha sonhado. O coração do comandante voltou a acelerar, parecia não estar acordado e a cabeça vagueava entre os dois mundos. O ranger da carroça o trouxe de volta ao mundo real. Shadá, Pedro e Itá reembarcavam os canhões e o que restara dos corpos dos escravos mortos. O comandante olhou para Itá, que acenou positivamente com a cabeça, em sinal de aprovação.

23 – A segunda batalha

Retornaram à aldeia no tempo previsto e foram recebidos com festa.

- Sejam bem vindos, meus amigos! - recebeu-os Joaquim, com um largo sorriso no rosto.

- Veja, capitão Joaquim! - gritou Francisco para o homem, apontando para os armamentos sobre os carros.

- É um milagre! É um milagre de Jesus, nosso Senhor! - respondia o capitão.

Uma criança escrava veio correndo e dirigiu-se a Manuel, dizendo-lhe algo ao pé do ouvido. Joaquim recebeu os heróis com um largo sorriso e levou os compatriotas à igreja onde os festejos seriam realizados. Os demais integrantes foram dirigidos à enfermaria para descansarem, serem alimentados e curados. Durante a refeição, Manuel e Francisco contaram a aventura ao capitão.

- Mal posso acreditar no sucesso dessa empreitada! - falou o capitão.

- Muita sorte nós tivemos! - completou Francisco.

- O planejamento foi de grande importância, assim como o valor e a experiência dos soldados. Mas devo admitir que o poder divino nos resguardou do pior - disse Manuel.

- Desculpe, comandante, mas o senhor subestimou o inimigo.

- A verdade, Francisco, é como um remédio amargo que, porém, nos cura. Eu subestimei as bestas, mas esse erro não se repetirá. Vocês podem ter certeza.

- E a negra, quem é comandante? - indagou o capitão.

- A nossa salvação!

- Uma mulher os salvou? - perguntou, incrédulo, Joaquim.

- Sim, senhor, uma mulher! - respondeu Francisco.

- Mas não uma mulher comum... - completou Manuel.

- E o que fará com ela, comandante? - indagou Joaquim.

- Não sei. Ainda não sei.

Manuel ordenou que instalassem os canhões sobre dois morros específicos que cercavam a vila, com muitos galhos e folhagens verdes em volta, para ocultá-los. Indicou a posição exata para onde deveriam estar apontados. Shadá e Francisco foram indicados a supervisionarem pessoalmente o trabalho realizado em cada morro. Enquanto separavam os escravos para os trabalhos, tinham tempo para confabular:

- Você viu, Shadá, quando o senhor das sombras rodeava o comandante?

- Sim, Francisco, achei que seria o fim do “bicho da goiaba branca”.

- Algo estranho aconteceu, pois o senhor das sombras nunca falhou comigo.

- Sempre há a primeira vez. - concluiu Shadá.

Francisco ficou em silêncio durante alguns segundos, pensando, e então continuou:

- Não é isso. Eu sinto que há algo de anormal, mas não sei o que é. Vou descobrir, com certeza.

- Talvez não seja o momento. - falou o negro.

- Pode ser... nunca o vi falhar, ainda mais quando se materializa. Faltava tão pouco...

- Não se preocupe! A viagem ainda está no início e teremos outras oportunidades.

- Com certeza teremos.

Um grupo de homens e mulheres havia cavado um largo e longo fosso, enquanto a equipe de resgate estivera fora e, naquele exato momento, terminavam de instalar os troncos que serviriam como barricada contra os invasores. Se a grande vala e o muro de troncos fossem vencidos, havia uma trincheira que abrigaria os atiradores. Porém, o melhor era que, entre o espaço da barricada e o da trincheira, foi estabelecido o alvo de um dos canhões. Em terra, dois outros foram instalados paralelamente e separados por uma distância de, mais ou menos, cem passos. Destinavam-se às embarcações que viriam do sul, provável direção que os navios franceses apontariam na praia. No alto do morro, ao norte da vila, a única arma de artilharia apontava para a mesma direção da outra, em terra, mas com uma maior variação de campo e alcance. Na colina da esquerda, estavam os dragões-de-ferro restantes. O comandante não dispunha de muitos homens e, uma vez que vários seriam utilizados na artilharia, decidiu concentrar os poucos restantes nas trincheiras, pois, pelo mar, as bocas de ferro fariam um bom trabalho. Espalhou bastante pólvora por vários lugares, na tentativa de simular uma artilharia maior do que a que realmente tinha. As trincheiras foram preparadas como último dispositivo de defesa, para o caso da falha dos demais meios e da necessidade de retirada. Após duas noites da chegada do grupo com os canhões, tudo estava pronto.

- Que venham os franceses! - bradou Manuel, ao receber a notícia do fim dos preparativos.

O comandante mantinha-se informado sobre a proximidade do inimigo. Com a ajuda dos homens locais que conheciam muito bem o terreno onde aconteceria a batalha, assegurou-se de garantir a melhor posição e deixar a dificuldade para os invasores, que possuíam um contingente trinta vezes maior.

No dia em que a tropa regressou do resgate, houve um grande problema entre Soró, Pedro e Joaquim. Joaquim, curioso, queria saber quem era o dono da preciosa peça e mandou Pedro investigar. O capataz não demorou a retornar com a informação de que ela não possuía dono. Então, o capitão, mais que interessado, tratou de apropriar-se da negra. Soró, ao ser informada, por Pedro, de que teria um novo senhor, falou:

- Nenhum homem até hoje me mandou e não será agora que um verme o fará!

- Mulher, cale esta boca, pois, do contrário, farei você engolir estas palavras com o peso do meu chicote!

Soró gargalhou e respondeu:

- Você não é homem para isso!

Pedro tirou o chicote da cintura, mas não teve tempo de usá-lo. Foi atacado com um golpe de rabo de arraia e caiu de costas no chão. A mulher o desarmou, chutou para longe seu chicote e manteve o capataz preso ao chão, pressionando um dos pés em seu peito. Naquele momento, Pedro sentiu como se a franzina mulher pesasse uma tonelada. Quando Soró deu-se por satisfeita, libertou o homem que, prontamente, fugiu. Não tardou até que o capataz retornasse com mais dois grandes escravos, mas não adiantou. A negra os desarmou e derrubou através de uma sequência de saltos, piruetas e golpes, que mais pareciam uma dança. Pedro fugiu novamente, dessa vez com a boca ensanguentada.

Após o segundo combate, Soró deixou a enfermaria e ganhou as ruas da vila, seguida por vários escravos, que iam aumentando de número conforme a guerreira se dirigia ao centro. O alvoroço chamou a atenção dos portugueses, que vieram averiguar o motivo da algazarra. Próximo à casa utilizada pelo representante real, foi vista a seguinte cena: uma única mulher, armada com um grande cajado, era cercada por sete homens. Os portugueses não intervieram na disputa. Soró primeiro foi atacada por dois homens que empunhavam espadas. Esquivou-se dos primeiros golpes com algumas acrobacias, desarmou rapidamente um deles, ao acertar um chute entre suas pernas. Enquanto o adversário era acudido pelos demais, Pedro manteve distância. Através do rápido gingado, ela desarmou e derrubou cada um dos oponentes e, por fim, só sobrou o capataz. Pedro, encurralado, não teve como fugir e foi, mais uma vez, derrotado pela mulher. Desta vez, na frente do patrão, dos convidados e dos escravos. Por fim, Soró falou, dirigindo-se a Joaquim, em alto e bom tom:

- Eu avisei que homem nenhum manda em mim, que dirá um velho gordo e fedorento!

Todos os escravos deram risadas e gritos de alegria, e ela continuou:

- Manuel – gritou, chamando o representante real pelo primeiro nome - você pode ter os meus serviços a seu favor ou contra, o que escolhe?

Houve um silêncio geral. O comandante deixou o lugar em que estava e dirigiu-se a ela, encarando-a nos olhos. Pôs o rosto paralelo ao seu, de modo a falar baixo, bem próximo à sua orelha:

- Ao meu favor, desde que concorde em receber um salário e ordens. O que acha?

- Salário e ordens? - repetiu a mulher, em voz alta.

A multidão de escravos, ao ouvir aquelas palavras, repetiram-nas, como eco. Manuel, aproveitando a deixa, explicou:

- Eu quero um guerreiro! Um guerreiro tem salário e recebe ordens de um comandante. O que acha?

Soró pensou um pouco e balançou a cabeça positivamente. Manuel sorriu e disse:

- Agora vá descansar e recupere as forças, pois temos muitos inimigos para derrotar.

A guerreira sorriu, virou-se e retornou à enfermaria, seguida pelos escravos. Manuel informou para os demais portugueses, ao retornar ao quartel general:

- Senhores, a partir de agora, Soró, a criança e o índio são membros da comitiva real. Qualquer retaliação a eles, sem minha autorização, será punida como um desrespeito à minha autoridade.

Shadá esperou que Manuel e Joaquim entrassem na casa, para falar com Francisco:

- Estamos em desvantagem. Eles são três e nós, dois.

- Não se preocupe, logo reequilibraremos as coisas.

O impasse foi resolvido. Naquela tarde, uma criança escrava chegou correndo à casa de hospedagem de Manuel e disse algo para Shadá, que guardava a porta principal. O negro se dirigiu a Manuel e disse:

- Comandante, temos informações de que os franceses estão rodeando o morro que atravessamos. Parece ser uma quantidade bem numerosa de inimigos.

- Quantos?

- Uns trezentos, senhor.

Manuel levantou-se da cadeira e disse:

- Assim sendo, no máximo depois de amanhã eles estarão aqui. Logo, os navios devem nos bombardear amanhã. Obrigado, Shadá. Cuide para que, hoje à noite, a guarda seja reforçada e que todos saibam o que fazer.

Shadá assentiu e saiu para cumprir as ordens. O tempo estava mudando e Manuel torcia para que não chovesse, pois parte da surpresa não poderia acontecer debaixo d'água. Ele acreditava que o ataque ocorreria no meio da madrugada e que as tropas chegariam no mesmo horário, no dia seguinte.

Pela manhã, quase não havia gente circulando nas ruas, somente alguns homens ocupavam posições estratégicas. O engenho estava lotado dos mais idosos e muitas crianças. Na proximidade da praia, uma bandeira portuguesa fora hasteada. A noite chegou e, com ela, a proibição de acender fogueiras.

Francisco cochilava, quando ocorreu o primeiro estrondo. Levantou-se de um único salto, pronto para o combate. O comandante havia dado ordens expressas de somente revidarem os tiros quando ordenado. Passaram a noite recebendo o bombardeio. O sol veio e, com ele, a imagem da destruição do pouco que havia sido recuperado desde a última vinda dos franceses. Os tiros só cessaram pouco antes do meio do dia. Três navios alternavam-se no ataque à vila: o primeiro estava ao norte, próximo a uma das muralhas de pedras que protegiam a praia, e era o menor. O segundo, um navio de médio porte, estava ao sul, na extremidade oposta da praia. Por fim, o terceiro, e maior de todos, estava ao centro e de lado para a vila, onde descarregava alternadamente as bocas de fogo que possuía. A tarde passou e nenhum tiro dos inimigos voltou a ser disparado, mas Manuel pôde ver uma pequena embarcação deixar o maior dos navios, navegar próximo à arrebentação e retornar à origem. O comandante sorriu no posto de observação onde se encontrava. Naquela tarde, somente os garotos de recados transitavam, levando e trazendo informações sobre os inimigos e ordens de comando. Na linha de frente, estavam Francisco, Shadá, Itá e Soró. A criança havia sumido, mas a protetora sabia que Lokô estava seguro. A noite veio e trouxe de volta os tiros de canhões, sinal da proximidade da tropa inimiga.

Shadá cochilava na trincheira, quando foi cutucado por Francisco. Despertou e viu Manuel preparando as armas. O momento havia chegado. O comandante estava de olhos fechados, segurava duas espadas e falava em voz baixa:

- Eu estou vestido com as roupas e as armas de São Jorge. Que meus inimigos tenham pés e não me alcancem, tenham mãos e não me toquem, tenham olhos e não me vejam e, nem mesmo em pensamento, possam me alcançar. Que minhas armas sejam suas, meu Senhor, e que, com a Sua precisão, eu degole todos os que estiverem contra mim. Empréstimo-me sua força, meu Senhor, para que meus inimigos caiam aos meus pés sem vida. Eu peço sua bênção, São Jorge!

Francisco também fazia uma espécie de prece.

- Hoje o senhor das sombras terá muito sangue para beber. Espero que também o do comandante. - terminou, fazendo um círculo, ao redor de si, com o pé.

Shadá prendia o facão na cintura, enquanto apoiava uma grande clava na perna. Soró também fazia seus pedidos:

- Que a Grande Mãe me proteja e me dê forças para completar a jornada que me foi destinada. Que proteja também a criança e que a mantenha longe do perigo, enquanto eu não estiver por perto. - No fim, olhou ao redor tentando encontrar Lokô, pois sabia que o menino não ficaria no engenho, escondido com os demais.

Itá também rezava:

- Que meus ancestrais sejam o arco e eu, a flecha nesta batalha. Que eles me orientem para que eu acerte precisamente o alvo. E que, aquela que é nova, porém antiga, me ajude no caminho que escolhi, junto aos meus antepassados, que querem e podem me ajudar.

Após alguns segundos de silêncio, Manuel voltou a falar, dirigindo-se aos outros guerreiros:

- Soldados, é chegada a hora! Lembrem-se: não fazemos reféns! E... VIDA LONGA AO REI DE PORTUGAL!

- VIDA LONGA AO REI! - responderam os soldados. Itá, Soró, Shadá e Francisco posicionaram-se ao lado do comandante, mantendo uma distância de, mais ou menos, seis metros entre si. Itá e Soró do lado direito e os demais, do esquerdo. A rua principal da vila tornou-se o centro da resistência luso-brasileira.

À frente do grupo de cinco combatentes, estava a barricada de madeira, que tinha como objetivo reduzir o fluxo de atacantes e, assim, minimizar a diferença numérica. Logo atrás, havia a trincheira, com quatro homens providos de armas de fogo.

Quando os primeiros invasores ultrapassaram o muro e o fosso, vieram correndo em direção à trupe. Manuel esperou, pacientemente, até que se aproximassem e, com um giro rápido e poderoso, decapitou dois. Francisco derrubou um com um tiro certo entre os olhos. Shadá, com um grande porrete, afundou o crânio de outro. Soró se esquivou de um golpe e, em um contra-ataque certo, usando uma faca, abriu o abdômen do inimigo espalhando vísceras pelo chão. Itá abateu um inimigo à distância, com uma flechada no olho. Francisco balbuciava, enquanto matava os inimigos:

- Mais um para o senhor das sombras...

Rapidamente, o número de corpos se multiplicava. Logo os atiradores da trincheira iniciaram a ajuda aos combatentes, mas o contingente inimigo era muito grande e os canhões não tardaram a iniciar o socorro. Segundos depois, outros canhões berraram e duas, das três embarcações, foram danificadas com incrível precisão. Uma foi incendiada quase que de imediato, provavelmente atingida no depósito de munições. O revede foi espontâneo, mas a surpresa preparada por Manuel confundiu os inimigos. O comandante havia feito várias trilhas de pólvora, em pontos estratégicos. Antes de atirarem, colocavam fogo nas trilhas, que queimavam e faziam uma grande quantidade de fumaça. Com isso, os navios não sabiam de que pontos viriam os tiros dos canhões.

O campo à frente era atingido pelas balas de ferro que provinham do alto do morro e dava aos homens entrenchados tempo de recarregarem, enquanto os guerreiros da frente de batalha não tinham um minuto de descanso. Francisco viu, com o canto do olho, uma fumaça escura começar a se adensar próxima a Manuel e logo o comandante estava lutando contra mais inimigos que todo o restante do grupo. O conterrâneo abriu um largo sorriso ao ver o companheiro da trupe em apuros. Soró e Itá tentavam ajudar o comandante, mas os invasores pareciam brotar da terra e avançavam com grande velocidade. Soró, em um momento de desespero, conseguiu sacar dois pequenos chifres de búfalo que trazia, amarrados à cintura, e friccionou-os. A ação custou-lhe um golpe no ombro esquerdo. Itá abateu os inimigos próximos à aliada que, mesmo ferida, continuava a lutar com grande ferocidade. As nuvens negras rapidamente se adensaram e uma grande quantidade de raios começou a iluminar a escuridão do céu. Instantaneamente, o vento começou a soprar e, rapidamente, ganhou força. Manuel combatia com bravura, mas estava ficando muito cansado. Logo a ventania se transformou em um furacão, que crescia e levava objetos e pequenas árvores, até que uma delas sobrevoou a cabeça do comandante e derrubou os inimigos que o assolavam. A fumaça escura, mais uma vez, se dissipou. As chamas de um dos navios aumentaram muito e consumiram a embarcação. Soró e Itá juntaram-se a Manuel. O restante dos inimigos ou foram atingidos também por objetos carregados pelo vento, ou pelos bravos guerreiros ou pelas bocas de fogo. Em mais uma sessão de tiros contra os navios, um foi a pique e outro ficou seriamente avariado. O mais próximo à praia ainda estava ileso e bateu em retirada. O canhão em terra, mais ao sul, foi direcionado para o local onde o restante da tropa francesa tentava invadir a vila, porém foi questão de tempo até os invasores serem dizimados. O barco que fugia foi atingido de leve, mas conseguiu escapar, e os naufragos que chegaram à praia foram capturados sem dificuldade. No fim da batalha, o furacão desapareceu, do mesmo modo que surgiu, e o grupo se reuniu.

- Itá, - falou o comandante - leve Soró à enfermaria.

O índio prontamente atendeu à ordem.

- Francisco e Shadá, façamos uma vitória geral no povoado.

Na praia, encontraram muitos inimigos mortos e outros amarrados, que foram facilmente dominados pelo patrulhamento do grupo de escravos. Todos os corpos, armas e objetos, considerados úteis, foram recolhidos e catalogados. Um grupo foi designado para trazer à praia as bocas de fogo afundadas. Manuel reconheceu que a tarefa não seria fácil, mas um, que fosse recuperado, já seria de grande ajuda. Itá voltou a integrar o grupo.

- O que faremos agora, comandante? - perguntou Francisco.

- O nosso antigo contato está morto, mas temos um novo. - falou Manuel, olhando para Itá, que assentiu com a cabeça. - Itá, você pode nos levar à cidade dos índios?

-Sim. - respondeu Pedra Branca.

- Então, senhores, temos um novo guia!

- Somos o exército de Sua Majestade, com quatro integrantes! - disse Francisco.

- Seis! - falou Soró, aparecendo atrás do grupo, acompanhada de Lokô.

- Sim, seis! - confirmou o comandante.

No raiar do novo dia, o povo da vila iniciou a celebração.

Obrigado por ler esta obra.

Em 2017 "Heróis Tropicais, a barbatana de tubarão"

E.A.Braga

DF, 16/01/2016

www.eabraga.com.br

www.heroistropicais.com.br

<https://www.facebook.com/eabraga.escritor>

<https://plus.google.com/103411116284767528462>

E.A.Braga

**Elcio Andrade Braga , nascido em
21/09/1974 na cidade do Rio de
Janeiro. Programador, bacharel
em Filosofia pela UERJ.**

**Teve sua primeira obra publicada
em 2000 intitulada "Contos para
acampamentos".**

www.heroistropicais.com.br